

APOCALIPSE

AD EXPERIMENTUM

Texto provisório,
destinado à recolha de contributos dos leitores,
no sentido de aperfeiçoar a sua compreensibilidade.
Os comentários devem ser enviados para o endereço eletrónico:
biblia.cep@gmail.com

Versão de 2 de janeiro de 2024

INTRODUÇÃO

Contexto literário e histórico

O último livro do NT recebe como nome a primeira palavra do texto: *revelação*, em grego *apokálypsis* (de *kalýptō*, *esconder*, *velar* com o prefixo de privação *apo-*, ou seja, «desvelar»). Este género literário, de que o Apocalipse é exemplo, já se encontra presente no AT (Is 24-27; Is 34-35; Zc 9-14), embora só o livro de Daniel (c. 165 a.C.) possa ser considerado na íntegra como um texto apocalíptico. Tendo nascido em contextos de grave crise social e religiosa, a apocalíptica judaica desenvolveu-se de forma particular a partir do período pós-exílico, apresentando a sua maior expressão durante a ocupação grega da Judeia, por Antíoco IV Epifânio (entre 175-164 a.C.). É também no contexto de uma Igreja em dificuldades, a vários níveis, que surge o livro do Apocalipse. Para além dos conflitos vividos no seio da própria comunidade (cf. 2,15), as relações com o império romano eram, como se sabe, particularmente difíceis (como são exemplos as perseguições de Nero ou, posteriormente, de Domiciano); por outro lado, o primeiro cristianismo via-se forçado a conviver com a filosofia e a religião mística do mundo antigo, que tantas vezes «contaminava» as recém-formadas comunidades cristãs locais (como é exemplo Éfeso), enquanto mantinha tensas e conflituosas relações com o judaísmo, do qual se ia progressivamente afastando. Neste sentido, o Apocalipse tem também como objetivo não só combater tais deturpações doutrinárias como repreender as comunidades mornas (cf. 3,16), elogiar e incentivar as comunidades fiéis e que dão testemunho.

O ambiente litúrgico

Mais importante que a identificação do escritor do livro – que a tradição identifica com o evangelista João e que a maior parte dos estudiosos entende pertencer, de facto, à escola do autor do Quarto Evangelho – é a figura daquele que é, concomitantemente, o seu revelador e o conteúdo revelado: Jesus Cristo. De facto, é Ele quem fala, ou diretamente, ou pela mediação do seu servo João, uma figura influente nas sete Igrejas da Ásia (cf. 1,4).

O ambiente da revelação é eminentemente litúrgico e dominical (cf. 1,3,10); é durante a liturgia dominical que o Espírito arrebatava João e fá-lo entrar em êxtase para lhe revelar as coisas que estão a acontecer (cf. 1,19). A grande experiência espiritual do Apocalipse é não só a celebração do mistério pascal de Jesus, mas também a entrada na dimensão litúrgica celeste, mediada pela liturgia dominical., escutando Jesus que fala e celebra a sua vitória sobre a morte e as forças do Mal. O princípio hermenêutico de fundo é apresentado no cap. 5: a história está nas mãos de Deus; é Ele que rege o sentido dos acontecimentos (é, por isso, apresentado *sentado no trono*: 5,1; cf. 4,2-11), para os conduzir segundo o seu plano salvífico (representado no *rolo* que segura na sua mão direita: 5,1). Este plano era inacessível (o que é signi-

ficado nos *sete selos* que mantêm o rolo completamente fechado: 5,1); no entanto, Jesus (representado no *Cordeiro*), pelo que realizou pela sua morte e ressurreição (o Cordeiro é apresentado *de pé, como que imolado*»: 5,6), é considerado *digno* não só de *receber o livro*, mas de *quebrar os seus selos* (5,2; cf. 6,1ss), os seja, de revelar o plano de Deus para a história, mostrando como, embora seja necessário travar uma intensa luta contra as forças do Mal, Deus terá sempre a última palavra, pois é Ele o *Ômega* (última letra do alfabeto), o fim de toda a história (21,6; 22,13).

A importância do símbolo

O Ap inspira-se na linguagem simbólica do AT (por exemplo, os *seres viventes* são personagens retiradas de Ez 1,5-21), mas usa o símbolo de uma forma nova e intensa, na medida em que com ele constrói toda a sua teologia. Pode dizer-se que recorre a este por três razões fundamentais:

1. pela realidade transcendente daquilo de que se fala: tratando-se da narração de uma luta entre Deus e as forças demoníacas, que se manifestam nas diversas realizações históricas, a linguagem evocativa do símbolo permite ultrapassar a barreira do imanente em direção ao transcendente;
2. possibilita uma releitura da história concreta, a partir da atualização das categorias implicadas no símbolo. Por exemplo, se, para a comunidade do Apocalipse, a Babilónia poderia ser identificada com Roma ou outra cidade do império, em cada época as formas do símbolo poderão ser preenchidas por outro conteúdo concreto;
3. envolve o destinatário. Enquanto a linguagem descritiva e realista apela diretamente à inteligência do destinatário, a linguagem simbólica envolve a pessoa de forma integral: a sua inteligência, imaginação, sentimentos, memória e emoções.

Sem os símbolos, a apocalíptica seria, pois, uma mera repetição da mensagem teológica já amadurecida, mas sem a ligação à realidade histórica concreta, ou simplesmente uma exposição histórica com uma interpretação religiosa. Para compreender, assim, o simbolismo do texto, é fundamental ter presentes os seus principais modelos simbólicos, nos quais se espelha todo o procedimento de modificação criativa do significado. Sintetizam-se, de seguida, estes principais modelos:

- a) **Simbolismo cósmico.** No Apocalipse, o sol, a lua, o céu, as estrelas, o mar não têm um valor meramente funcional; na linha do AT, o texto confere-lhes um significado novo que os liga diretamente à transcendência (quer na dimensão do divino, quer da do demoníaco). O sol que perde a sua luz, a lua que se transforma em sangue, as estrelas que caem do céu, etc., apresentam um aspeto de catástrofe apenas num primeiro nível de leitura; na realidade,

o autor pretende provocar nos leitores a sensação de uma *presença ativa e transformante de Deus na história*.

- b) **Simbolismo teriomórfico.** Esta nota simbólica introduz os animais como protagonistas, quer do bem (o Cordeiro, os seres vivos), quer do mal (o dragão, a besta, etc.). Com este tipo de simbolismo (tomado da apocalíptica judaica), o autor refere-se a uma parte da realidade situada abaixo da transcendência de Deus, mas também acima da possibilidade de verificação por parte dos homens; tanto o bem operado por Deus, como o mal maquinado pelo Maligno revestem-se de uma certa opacidade.
- c) **Simbolismo aritmético.** Este simbolismo reconhece nos números um valor qualitativo para além do meramente quantitativo. Difundido na apocalíptica judaica precedente, assume, no entanto, no Apocalipse valores próprios. Por exemplo, 7 indicará a totalidade (7 igrejas, 7 selos, 7 trombetas, 7 cálices); a metade de 7 (3 e meio) a parcialidade, finitude ou incompletude (com uma conotação positiva ou negativa: cf. 6,11; 20,3); o 12 referir-se-á às 12 tribos de Israel ou aos 12 apóstolos do Cordeiro; 1000 é o tempo próprio de Deus, pois ninguém vive por tanto tempo, e representa a presença ativa do Cordeiro na história.
- d) **Simbolismo cromático.** As cores no Apocalipse exprimem qualidades de carácter espiritual e moral. Por exemplo, nas cores dos quatro cavalos (6,1s), o cavalo *branco* evoca a vitória de Cristo, a sua ressurreição (1,14.18) e a participação dos crentes nela (cf. 3,4; 4,4; 6,11); o *vermelho* evoca a violência da guerra; o *negro* evoca a falta de luz, a obscuridade; o *esverdeado* a cor da morte. Assim, o primeiro cavaleiro é perseguido pelos outros três que querem destruir a sua ação, mas o leitor é chamado a não desanimar, pois o cavalo *branco* transporta um cavaleiro *vitorioso*.
- e) **Simbolismo antropológico.** É a nota simbólica mais vasta, pois refere-se ao mundo dos homens, pelo qual o autor se sente particularmente interessado. A sua realidade, os seus valores a nível individual e coletivo assumem perspectivas inéditas: as vestes, as posições (de pé, sentado, etc.), os banquetes (sinal de intimidade e comunhão), as cidades (símbolo das relações e da vida em conjunto daqueles que se regem pelo mesmo ideal) tornam-se expressões que se referem a um mundo novo, o reino que Deus e o Cordeiro estão a realizar (cf. 11,15).

Estas notas simbólicas são constantes, mas não automáticas. Ao lado dos valores simbolizados, encontramos muitas vezes também valores que dizem respeito à própria realidade. Aqui, como no geral, é sempre o contexto que fornece a indicação decisiva.

ESTRUTURA

Prólogo (1,1-3)

Primeira parte: Cartas às Sete Igrejas (1,4-3,22)

- I. Diálogo litúrgico inicial (1,4-8)
- II. Encontro dominical com Cristo Ressuscitado (1,9-20)
- III. As sete mensagens de Cristo Ressuscitado às sete Igrejas (2,1-3,22)

Segunda parte: Plano e a ação de deus na história (4,1-22,5)

- I. Introdução: o trono, o livro e o Cordeiro (4,1-5,14)
- II. Septenário dos selos (6,1-8,1)
- III. Septenário das trombetas (8,2-11,14)
- IV. O tríplice sinal: a mulher, o dragão, e as sete taças (11,15-16,21)
- V. Secção conclusiva (17,1-22,5)
- Julgamento e queda da Babilónia (17,1-19,10)
- Julgamento das duas bestas (19,11-21)
- Julgamento do dragão e dos seus exércitos (20,1-10)
- Julgamento da Morte e do Inferno (20,11-15)
- A Jerusalém celeste (21,1-22,5)

Epílogo (22,6-21)

PRÓLOGO (1,1-3)

1 ¹Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe concedeu para mostrar aos seus servos as coisas que é necessário que em breve aconteçam. Ele a tornou manifesta por sinais e enviou-a por meio do seu anjo ao seu servo João, ²o qual deu testemunho da palavra de Deus e do testemunho de Jesus Cristo, em relação a tudo o que viu. ³Feliz aquele que lê e aqueles que escutam as palavras da profecia, guardando o que nela está escrito, pois o tempo está próximo.

Primeira parte CARTAS ÀS SETE IGREJAS (1,4–3,22)

I. DIÁLOGO LITÚRGICO INICIAL (1,4-8)

⁴João, às sete Igrejas que estão na Ásia: a vós, a graça e a paz da parte daquele que é, que era e que vem, da parte dos sete espíritos^a que estão diante do seu trono, ⁵e da parte de Jesus Cristo, a testemunha fiel, o primogênito de entre os mortos e príncipe dos reis da terra^b.

Aquele que nos ama e que com o seu sangue nos libertou dos nossos pecados, ⁶fazendo de nós um reino, sacerdotes^c para Deus e seu Pai: a Ele a glória e o poder pelos séculos dos séculos! Amen.

⁷Eis que *Ele vem com as nuvens*^d

e todos os olhos o *hãõ de ver*,

mesmo aqueles que o *trespassaram*,

e, *por causa dele, todas as tribos da terra hãõ de bater no peito*^e.

Sim. Amen!

⁸«Eu sou o Alfa e o Ómega^f – diz o Senhor Deus^g – Aquele que é, que era e que vem, o Onnipotente»^h.

^a Evoca-se provavelmente os sete anjos de estatuto superior (cf. Tb 12,15; *1Hen* 90,21), ou, segundo outras interpretações, a plenitude dos dons do Espírito.

^b Estes vv.4s apresentam a típica forma de abertura de uma epístola no mundo antigo: emissor, destinatário e saudação. *Os reis da terra* representam as forças hostis ao projeto de Deus.

^c Lit.: *e fez a nós reino, sacerdotes*.

^d Dn 7,13.

^e Zc 12,10.

^f Primeira e última letra do alfabeto grego, com o sentido de primeiro e último, aquele que está no princípio e no fim de todas as coisas, como é explicitado em 1,17 e 22,17.

^g Aqui e em 21,5-8 são as únicas ocorrências em que Deus é apresentado explicitamente a falar.

^h Estes vv. apresentam-se como um diálogo litúrgico, com leitor e assembleia. A comunidade reunida em oração é convidada a escutar e a ler a sua história à luz do projeto de Deus, que há de ser revelado no rolo (cf. 5,1ss).

II. ENCONTRO DOMINICAL COM CRISTO RESSUSCITADO

(1,9-20)

⁹Eu, João – vosso irmão e convosco participante na tribulação, no reino e na perseverança em Jesus – encontrava-me, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus, na ilha a que chamam Patmos. ¹⁰No dia do Senhor^a estava sob a acção do Espírito e ouvi atrás de mim uma voz forte, como a de uma trombeta, ¹¹que dizia: «O que estás a ver, escreve-o num livro e envia-o às sete Igrejas: a Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia».

¹²Voltei-me para ver a voz que falava comigo e, ao voltar-me, vi sete candelabros de ouro ¹³e, no meio dos candelabros, *alguém semelhante a um filho de homem*^b, com uma veste até aos pés e cingido à altura do peito com um *cinto de ouro*. ¹⁴*A sua cabeça e os seus cabelos eram brancos como a lã branca, como a neve, e os seus olhos como chamas de fogo*^c; ¹⁵*os seus pés eram semelhantes ao bronze incandescente*^d quando é fundido na fornalha, e a sua voz semelhante ao fragor^e das águas torrenciais; ¹⁶tinha sete estrelas na sua mão direita e da sua boca saía uma espada afiada de dois gumes; o seu rosto era como o sol quando brilha com toda^f a sua força.

¹⁷Quando o vi, caí a seus pés, como morto, mas Ele pôs a sua mão direita sobre mim, dizendo: «Não tenhas medo! Eu sou o primeiro e o último, ¹⁸Aquele que vive. Estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos, e tenho as chaves da morte e do abismo^g! ¹⁹Escreve, pois, as coisas que viste, as que existem e as que estão para acontecer depois destas.

²⁰É este^h o mistério das sete estrelas que viste na minha mão direita e dos sete candelabros de ouro: as sete estrelas são os anjos das sete Igrejas, e os sete candelabros são as sete Igrejas».

^a A expressão *dia do Senhor* aparece já consagrada para designar o dia em que a comunidade se reúne para celebrar Cristo Ressuscitado (Domingo).

^b *Filho de homem* evoca a figura de Dn 7,13, que surge glorioso do céu para julgar a terra. A *veste até aos pés* e o *cinto de ouro* evocam as vestes do sumo-sacerdote (cf. Lv 8,7; Ex 28,6) e apresentam Cristo numa função sacerdotal, no meio da igreja reunida em oração (simbolizadas nos *sete candelabros*).

^c Jesus ressuscitado é apresentado com as mesmas características de divindade e eternidade com que Dn 7 apresenta Deus (*cabelos brancos*). O seu olhar penetrante - *olhos como chamas de fogo* (2,18; 19,2) – é, por isso, capaz de sondar todas as coisas.

^d O bronze dos pés de Cristo significa a solidez da sua divindade, numa contraposição evocativa com os pés de barro próprios dos ídolos que se apresentam como divinos sem o serem (Dn 2,31-36).

^e Lit.: *voz*.

^f *Toda* é acrescento da tradução.

^g Lit. *do Hades*, o submundo da mitologia grega, que traduz o hebraico *Sheol*.

^h *É este* é acrescento da tradução.

III. AS SETE MENSAGENS DE CRISTO RESSUSCITADO ÀS SETE IGREJAS (2,1-3,22)

2 Éfeso

¹«Ao anjo da Igreja que está em Éfesoⁱ, escreve:

“Isto diz Aquele que segura com firmeza as sete estrelas na sua mão direita, Aquele que caminha no meio dos sete candelabros de ouro. ²Conheço as tuas obras, a tua fadiga e a tua perseverança; sei que não podes suportar os maus e que puseste à prova aqueles que se dizem apóstolos, mas que o não são, e descobriste que eles são mentirosos; ³sei que és perseverante^k, pois sofreste por causa do meu nome e não esmoreceste.

⁴Mas tenho algo contra ti: abandonaste o teu primeiro amor. ⁵Lembra-te, pois, donde caíste; converte-te e pratica as obras de antes! Caso contrário, se não te converteres, virei a ti e removerei o teu candelabro do seu lugar. ⁶Mas tens isto a teu favor^l: detestas as obras dos nicolaítas^m, que Eu também detesto.

⁷Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejasⁿ! Ao vencedor, dar-lhe-ei a comer da *árvore da vida*^o, que está no *paraíso de Deus*”».

Esmirna

⁸«Ao anjo da Igreja que está em Esmirna^p, escreve:

“Isto diz o Primeiro e o Último, Aquele que esteve morto e voltou a viver.

⁹Conheço a tua tribulação e a tua pobreza – embora sejas rico – e a blasfémia daqueles que dizem ser judeus e não o são: pelo contrário, são uma sinagoga de Satanás. ¹⁰Não tenhas medo das coisas que estás prestes a sofrer: eis que o Diabo vai lançar alguns de vós na prisão, para serdes postos à prova, e sereis atribulados durante dez dias^q. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida.

ⁱ Éfeso, que é hoje apenas um lugar arqueológico, era a maior cidade da costa oeste da Ásia Menor (actual Turquia), onde existia uma comunidade cristã fundada por Paulo e onde, segundo a tradição, morou o evangelista João até ao fim dos seus dias.

^j Sei é acrescento da tradução, tal como no v.3.

^k Lit. *tens perseverança*.

^l *A teu favor* é acrescento da tradução.

^m Os *nicolaítas* seriam um grupo que negava o valor da encarnação e da redenção, vivendo de forma desregada. Toleravam alguns aspetos do mundo pagão, como a participação nos banquetes sagrados, isto é, o consumo das carnes sacrificadas aos ídolos.

ⁿ A função desta fórmula assemelha-se à da proclamação profética no AT, como em 1Rs 22,19: *escuta a palavra do Senhor. Igrejas*, no plural, sublinha que o que é dito à igreja de Éfeso aplica-se a todas.

^o Segundo Gn 3,24, o caminho para a árvore da vida (que simboliza a eternidade) ficou guardado pelos querubins e inacessível ao homem; este só o reencontrará por meio de Jesus.

^p Esmirna, hoje Izmir, disputava com Éfeso e Pérgamo a fama de ser a maior cidade da Ásia.

^q Lit.: *tereis tribulação de dez dias*.

¹¹Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas! O vencedor jamais será atingido pela segunda morte^a».

Pérgamo

¹²«Ao anjo da Igreja que está em Pérgamo^b, escreve:

“Isto diz Aquele que tem a espada afiada de dois gumes. ¹³Sei onde habitas^c; é onde se encontra o trono de Satanás. Seguras com firmeza o meu nome e não renegaste a fé em mim, mesmo nos dias de Antipas, minha testemunha fiel, que foi morto junto de vós, onde Satanás habita.

¹⁴Mas tenho algumas coisas contra ti: tens contigo^d os que se agarram à doutrina de Balaão, que ensinou Balac a fazer tropeçar^e os filhos de Israel, a comer as carnes imoladas aos ídolos e a prostituir-se^f. ¹⁵De igual modo, tens também contigo gente que se agarra à doutrina dos nicolaítas^g. ¹⁶Converte-te, pois! Caso contrário, em breve virei a ti e combatarei contra eles com a espada da minha boca.

¹⁷Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas! Ao vencedor, dar-lhe-ei do maná escondido^h e dar-lhe-ei também uma pequena pedra brancaⁱ; sobre a pequena pedra está gravado um nome novo, que ninguém conhece, a não ser aquele que o recebe”».

Tiatira

¹⁸«Ao anjo da Igreja que está em Tiatira^j, escreve:

“Isto diz o Filho de Deus, Aquele que tem os seus olhos como chamas de fogo e os seus pés semelhantes a bronze incandescente. ¹⁹Conheço as tuas obras: o teu amor, a tua fé, o teu serviço, a tua perseverança e as tuas últimas obras, mais numerosas do que as primeiras.

^a Esta segunda morte evoca a morte eterna, que se distingue da primeira, a física ou corporal (cf. 20,6; Mt 10,28; 1Hen 108,3s).

^b Pérgamo, actual Bégama, foi a maior cidade do oeste da Ásia Menor, constituindo um importante centro político e cultural.

^c Alguns mss. mais tardios acrescentam *as tuas obras*.

^d Lit.: *ai*.

^e Lit.: *a lançar uma pedra (skándalon) diante dos filhos de Israel*.

^f Imagem a que os profetas várias vezes recorrem para designar a infidelidade a Deus através do culto a outros deuses (cf., por ex., Os 1,2; 2,4ss).

^g Cf. 2,6 nota.

^h Lembrando a comida do povo eleito a caminho da terra prometida, o maná representa a comida dos eleitos (cf. Ex 16). Segundo a tradição apocalíptica judaica, o maná desceria do céu nos tempos messiânicos (cf. 2Br 29,8).

ⁱ Provável referência às pedras usadas pelos jurados, no mundo grego, para se pronunciarem sobre a inocência ou culpabilidade do réu; poder-se-á também tratar de uma espécie de bilhete de entrada para os espetáculos públicos ou banquetes. Por outro lado, a cor branca no Ap simboliza, na maior parte dos casos, a participação na ressurreição de Cristo.

^j Tiatira, actual Akisar, era um importante centro comercial na Ásia Menor, famoso pela produção de têxteis (cf. At 16,14).

²⁰Mas tenho algo contra ti: permites que a mulher Jezabel^k, que se diz profetisa, ensine e seduza os meus servos, levando-os a prostituírem-se e a comerem carnes imoladas aos ídolos. ²¹Dei-lhe tempo para que se convertesse, mas ela não se quer converter da sua prostituição. ²²Eis que a vou lançar, bem como àqueles que com ela cometeram adultério, numa cama de grande tribulação, se não se converterem das obras por ela praticadas^l. ²³Atingirei de morte os seus filhos. E todas as Igrejas saberão que Eu sou Aquele que perscruta os rins e os corações, e que darei a cada um de vós conforme as suas obras.

²⁴Mas digo-vos a vós, aos demais, a todos quantos estão em Tiatira e não seguem essa doutrina, que não conheceram as profundezas de Satanas, como eles lhe chamam: não lanço outro fardo sobre vós, ²⁵mas segurarei com firmeza aquele que já tendes até que Eu venha.

²⁶Ao vencedor, àquele que guarda até ao fim as minhas obras, *dar-lhe-ei* autoridade sobre as nações; ²⁷*com ceptro de ferro as apascentará, e serão quebradas como vasos de argila*^m; ²⁸é a mesma autoridade que Eu recebi de meu Paiⁿ. *Dar-lhe-ei também a estrela da manhã*^o. ²⁹Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas!^p».

3 Sardes

¹«Ao anjo da Igreja que está em Sardes^q, escreve:

“Isto diz Aquele que tem os sete espíritos^q de Deus e as sete estrelas. Conheço as tuas obras: tens fama de estar vivo, mas estás morto. ²Torna-te vigilante e consolida aquilo que resta e que está prestes a morrer, pois não encontrei perfeição nas tuas obras diante do meu Deus. ³Recorda-te, por conseguinte, do modo como recebeste e ouviste a Palavra^r; guarda-a e converte-te. Pois se não estiveres vigilante, virei como um ladrão, sem que tu saibas a hora em que virei a ti.

⁴Tens, porém, uns quantos^s em Sardes que não sujaram as suas vestes^t: eles caminharão comigo, vestidos de branco, porque são dignos.

^k Parece tratar-se de um nome simbólico, de uma mulher cristã influente no grupo dos nicolaítas, que, tal como a rainha Jezabel, filha do rei de Sídon e casada com o rei Acab, favorecia a idolatria (cf. 1Rs 16,31; 2Rs 9,22).

^l Lit.: *obras dela*.

^m Sl 2,8s (LXX).

ⁿ Lit.: *como também eu recebi do meu Pai*.

^o Ainda que no mundo antigo a *estrela da manhã* evocasse o planeta Vénus (por ser a estrela mais brilhante da noite e a última a desaparecer na aurora), e embora no AT representasse ou o Diabo ou o rei da Babilónia (que, segundo Is 14,12-14 e 1Tm 3,6, foi criticado por Deus devido à sua arrogância), no Ap a *estrela da manhã* é Cristo Ressuscitado no seu fulgor pascal, cuja luz ilumina a escuridão do pecado e do mal. No fim do drama do Ap, ela surge novamente em 22,16 como *brilhante estrela da manhã*, para falar da glória que Cristo concederá a quem perseverar com Ele até ao fim (cf. Sir 50,5ss).

^p Sardes foi uma das famosas cidades da Ásia Menor, conhecida pelo ouro e pela riqueza dos seus reis. Nos tempos do NT era uma província romana.

^q Refere-se a Cristo, que tem a plenitude (simbolizada no número sete) do Espírito.

^r A Palavra é acrescento da tradução.

^s Lit.: *poucos nomes*.

^t As vestes, na medida em que são o que os outros podem ver da pessoa que as traja, simbolizam as qualidades morais desta. A veste branca (cf. 6,11; 7,9-13; 2Cor 5,4; AscIs 4,16; Hermas, *Similitudes*

⁵O vencedor será, pois, vestido com vestes brancas; jamais apagarei o seu nome do Livro da Vida e confessarei o seu nome diante do meu Pai e dos seus anjos. ⁶“Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas!”».

Filadélfia

⁷«Ao anjo da Igreja que está em Filadélfia^a, escreve:

“Isto diz o Santo, o Verdadeiro, *Aquele que tem a chave de David, que abre e ninguém fecha, que fecha e ninguém abre*^b. ⁸Conheço as tuas obras: eis que coloquei^c diante de ti uma porta aberta que ninguém pode fechar, porque tens pouca força. No entanto, guardaste a minha palavra e não renegaste o meu nome. ⁹Eis que te entrego, da sinagoga de Satanás, aqueles que dizem ser judeus, mas que estão a mentir, pois não o são^d. Eis que farei com que eles venham prostrar-se a teus pés e saibam que Eu te amei.

¹⁰Porque guardaste o meu convite à perseverança^e, também Eu te guardarei da hora da provação, que está a chegar sobre o mundo inteiro para pôr à prova os habitantes da terra. ¹¹Virei em breve: segura com firmeza aquilo que já tens, para que ninguém se apodere da tua coroa.

¹²Quanto ao vencedor, farei dele uma coluna no templo do meu Deus, e jamais de lá sairá. Escreverei ainda sobre ele o nome do meu Deus e o nome da cidade do meu Deus – a nova Jerusalém que desce do céu, de junto do meu Deus – e escreverei também^f o meu novo nome. ¹³“Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas!”».

Laodiceia

¹⁴«Ao anjo da Igreja que está em Laodiceia^g, escreve:

“Isto diz o Amen^h, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus.

¹⁵Conheço as tuas obras: não és frio nem quente. Quem dera que fosses frio ou quente. ¹⁶Mas porque és morno – e não és frio nem quenteⁱ – estou prestes a vomitar-te da minha boca. ¹⁷Pois dizes: “Sou rico! Enriqueci e não preciso de nada”; e, no entanto, tu não sabes que és infeliz e miserável, pobre, cego e nu.

8,2s) significa a participação na ressurreição de Cristo (pelo batismo); a veste suja é sinal de pecado ou infidelidade (cf. Zc 3,3-5).

^a A cidade, fundada no séc. II a.C., era atravessada por uma importante estrada, que ligava Pérgamo (ao norte) com Laodiceia (ao sul).

^b Is 22,22.

^c Lit.: *dei*.

^d Lit.: *e não são mas mentem*.

^e Lit.: *guardaste a palavra da minha perseverança*.

^f *Escreverei também* é acrescento da tradução.

^g Hoje Pamukkale, foi uma das mais prósperas cidades da Frígia, durante a época romana.

^h Já em Is 65,16, *Amen* surge como um nome divino.

ⁱ Provável referência às águas medicinais (as quentes de Hierápolis e as frias de Colossos); segundo algumas interpretações, as águas mornas representariam a mediocridade da comunidade de Laodocéia, que não poderia curar espiritualmente ninguém.

¹⁸ Aconselho-te a que de mim compres ouro refinado pelo fogo para que possas ser rico, vestes brancas para que te vistas e não se manifeste a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os teus olhos e assim poderes ver. ¹⁹ Eu repreendo e educo aqueles de quem sou amigo: sê, pois, zeloso e converte-te! ²⁰ Eis que Eu estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa^l e cearei com ele, e ele comigo.

²¹ Quanto ao vencedor, concederei que se sente comigo no meu trono, como também Eu fui vencedor e me sentei com meu Pai, no seu trono. ²² Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas!^m».

Segunda parte O PLANO E A AÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA (4,1-22,5)

I. INTRODUÇÃO: O TRONO, O LIVRO E O CORDEIRO (4,1-5,14)

4 Visão do trono: Liturgia celeste

¹ Depois disto, vi uma porta aberta no céu, e a voz, que antes falara comigo como uma trombeta, dizia: «Sobe até aqui, e mostrar-te-ei as coisas que devem acontecer depois destas»^k.

² Fui imediatamente arrebatado em espírito^l: e eis que no céu estava colocado um trono, e no trono Alguém sentado^m. ³ Aquele que estava sentado tinha um aspecto semelhante a uma pedra de jaspé e de sardónia, e havia uma auréola à volta do trono, cujo aspecto era semelhante a uma esmeralda. ⁴ À volta do trono estavam vinte e quatro tronos, e sobre os tronos vinte e quatro anciãos sentadosⁿ, vestidos com vestes brancas e com coroas de ouro nas suas cabeças. ⁵ Do trono saíam relâmpagos, vozes e trovões; e diante do trono estavam a arder sete lâmpadas de fogo, que são os sete espíritos de Deus^o. ⁶ Diante do trono havia como que um mar de vidro^p,

^j Lit.: *para junto dele*.

^k O autor, tal como toda a Igreja, é convidado a colocar-se na perspetiva de Deus para melhor perceber o sentido da sua história.

^l Lit.: *imediatamente fui* (ou *estive*) *em espírito*.

^m Cf. Is 6; Ez 1; 1Hen 14; 7; 2Hen 20s; ApAbr 18. Deus é apresentado sentado no *trono*, ou seja, como alguém que governa, conduzindo a história.

ⁿ Os vinte e quatro anciãos simbolizam o conjunto do AT (12 tribos), somado ao conjunto do NT (12 apóstolos). O facto de estarem sentados sobre tronos assinala a sua colaboração com Deus na regência da história da salvação. Esta imagem evoca as audições na corte romana, quando o imperador se sentava, ladeado pelos senadores e outros conselheiros, e a apocalíptica judaica (cf. bHag 15; 3Hen 16).

^o Os fenómenos naturais evocam a teofania do monte Sinai. A expressão *os sete espíritos de Deus* refere-se à plenitude (simbolismo do *sete*) do Espírito divino, presente e ativo (*fogo a arder*), pronto para ser enviado a toda a terra (cf. 5,6).

^p O *mar*, na imagética bíblica, é a morada das forças inimigas de Deus; o facto de ser *de vidro*, ou seja, transparente, significa que a ação de tais forças é ainda visível, mas já sem possibilidade de atingir o

semelhante ao cristal e, no meio do trono e à volta do trono, quatro seres vivos^a, cheios de olhos à frente e atrás. ⁷O primeiro vivo era semelhante a um leão; o segundo vivo era semelhante a um touro; o terceiro vivo tinha uma face como a de um homem, e o quarto vivo era semelhante a uma águia a voar. ⁸Cada um dos quatro seres vivos tinha seis asas, à volta e por dentro estavam cheios de olhos, e sem descanso diziam dia e noite:

«Santo, Santo, Santo, Senhor Deus Omnipotente^b,
Aquele que era, que é e que vem».

⁹E sempre que estes seres vivos davam glória, honra e acção de graças Àquele que está sentado no trono e que vive pelos séculos dos séculos, ¹⁰os vinte e quatro anciãos prostravam-se diante daquele que está sentado no trono, adoravam o que vive pelos séculos dos séculos, e depunham as suas coroas diante do trono, dizendo:

¹¹«És digno, Senhor e nosso Deus,
de receber a glória, a honra e o poder;
porque Tu criaste todas as coisas,
e é por tua vontade que elas existem e foram criadas».

5 O livro selado e o Cordeiro

¹Vi, então, na mão direita daquele que estava sentado no trono, um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos. ²E vi um anjo poderoso, que proclamava com voz forte: «Quem é digno de abrir o livro, de quebrar os seus selos?».

³Mas não havia ninguém, nem no céu, nem sobre a terra, nem debaixo da terra, que fosse capaz de abrir o livro e de ver o seu conteúdo. ⁴E eu chorava muito, porque não se encontrou ninguém que fosse digno de abrir o livro e de ver o seu conteúdo.

⁵Disse-me um dos anciãos: «Não chores! Eis que venceu o leão da tribo de Judá, o rebento de David; Ele abrirá o livro e os seus sete selos».

mundo divino. O mar celeste (as águas superiores: cf. Gn 1,7; Sl 104,3; 1Rs 7,23-26) distingue-se do terrestre (cf. 20,13).

^a Os quatro seres vivos são um símbolo inspirado em Ez 1,5-21 (cf. ApAbr 18,3-5). O seu número (quatro) é cósmico, como os quatro ventos ou os quatro pontos cardeais, e estão repletos de olhos, isto é, do Espírito de Deus (cf. 5,6). As suas formas (leão, touro, homem e águia) representam tudo o que há de nobre, forte, sábio e ágil em toda a criação. A tradição posterior associou-os, respectivamente, aos evangelistas Marcos, Lucas, Mateus e João.

^b Is 6,3.

^c Cf. Dn 10,21; 1Hen 81,1-3. Trata-se de um rolo completamente escrito nas duas faces, sem qualquer lacuna; representa o projeto que Deus tem para a história, conduzido com mão forte (mão direita), mas a que ninguém consegue ter acesso (os sete selos, ou seja, completamente selado). Daí o desespero que a seguir se descreve.

^d Lit.: ou vê-lo (tal como no v. seguinte).

^e Cristo morto e ressuscitado é apresentado como a plena realização messiânica da descendência davídica (rebeno de David).

⁶Vi, então, no meio do trono e dos quatro seres vivos, e no meio dos anciãos, um Cordeiro^f, de pé, como que imolado, com sete chifres e sete olhos, que são os sete^g espíritos de Deus enviados sobre toda a terra. ⁷Ele veio e recebeu o livro^h da mão direita daquele que estava sentado no trono.

⁸Quando recebeu o livro, os quatro seres vivos e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro; cada um deles tinha uma cítara e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santosⁱ, ⁹e cantavam um cântico novo, dizendo:

«És digno de receber o livro
e de abrir os seus selos,
porque foste imolado e resgataste para Deus, com o teu sangue,
gentes^j de todas as tribos, línguas, povos e nações,
¹⁰e fizeste deles um reino e sacerdotes^k para o nosso Deus;
eles reinarão sobre a terra».

¹¹Vi e ouvi, então, a voz de muitos anjos à volta do trono, dos seres vivos e dos anciãos; o seu número era de miríades de miríades e milhares de milhares, ¹²e diziam com voz forte:

«O Cordeiro que foi imolado é digno de receber
o poder, a riqueza e a sabedoria,
a força, a honra, a glória e o louvor!»

¹³E ouvi todas as criaturas que estão no céu, sobre a terra, debaixo da terra e no mar, e tudo o que neles existe a dizer:

«Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro,
o louvor, a honra, a glória e o poder
pelos séculos dos séculos!»

¹⁴Os quatro seres vivos diziam: «Amen!»; e os anciãos prostraram-se em adoração^l.

II. SEPTENÁRIO DOS SELOS (6,1-8,1)

6 O Cordeiro abre os sete selos
¹Vi quando o Cordeiro abriu o primeiro dos sete selos e ouvi o primeiro dos quatro seres vivos dizer com uma voz semelhante ao trovão: «Vem!». ²E vi, então,

^f Trata-se de Jesus ressuscitado (*de pé*), que se apresenta com a força salvífica do que realizou na cruz (*cordeiro imolado*), com a plenitude da força messiânica (*sete chifres*) e do Espírito (*sete olhos*).

^g Alguns mss. omitem *sete*.

^h *Livro* é acrescento da tradução, de acordo com a lição de alguns mss. mais tardios.

ⁱ I.e., os cristãos, que foram santificados pelo batismo.

^j *Gentes* é acrescento da tradução.

^k *Reino* no sentido em que Deus é seu soberano; *sacerdotes* enquanto chamados a colaborar na implementação do projeto divino para o mundo.

^l Lit.: *prostraram-se e adoraram*.

um cavalo branco^a. Aquele que nele estava sentado tinha um arco; foi-lhe dada uma coroa e Ele, já vitorioso, partiu para novas vitórias^b.

³Quando o Cordeiro^c abriu o segundo selo, ouvi o segundo ser vivente dizer: «Vem!». ⁴Saiu, então, outro cavalo, vermelho-fogo. Àquele que nele estava sentado foi-lhe dado o poder de retirar a paz da terra, e de fazer com que os homens^d se degolassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada.

⁵Quando o Cordeiro abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivente dizer: «Vem!». E vi, então, um cavalo negro. Aquele que nele estava sentado tinha uma balança na sua mão. ⁶E ouvi como que uma voz no meio dos quatro seres viventes, que dizia: «Uma medida^e de trigo por um denário, e três medidas de cevada por um denário. E não sejas injusto quanto ao azeite e ao vinho^f».

⁷Quando o Cordeiro abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivente dizer: «Vem!». ⁸E vi, então, um cavalo esverdeado. Aquele que nele estava sentado tinha como nome Morte; e o abismo^g acompanhava-o. Foi-lhes dado poder sobre a quarta parte da terra, para matar à espada, à fome, com a peste e por meio das feras da terra.

⁹Quando o Cordeiro abriu o quinto selo^h, vi, debaixo do altar, as almasⁱ daqueles que tinham sido imolados por causa da palavra de Deus e do testemunho^j que deram. ¹⁰E gritavam com voz forte, dizendo: «Até quando, ó Soberano, santo e verdadeiro, esperarás para fazer justiça e vingar^k o nosso sangue contra os habitantes da terra?».

¹¹E foi dada a cada um deles uma veste branca^l, e foi-lhes dito que descansassem por um breve tempo, até se completar o número dos seus companheiros e dos seus irmãos^m, que estavam prestes a ser mortos como eles.

^a Nos vv.2-8, os cavalos, com as suas cores, e os cavaleiros representam realidades que estão acima da humanidade, mas sob o controlo de Deus. Há algumas forças negativas: a guerra (*vermelho-fogo*: v.4); as várias formas de exploração com a correspondente carestia (*negro*: v.5); a morte, com todo o seu cortejo de males (*esverdeado*: v.7). A estas forças negativas é contraposta uma força positiva, apresentada em primeiro lugar e simbolizada pelo cavalo branco e seu cavaleiro: trata-se de Cristo ressuscitado (*branco*, v.2) com toda a sua força (*cavalo*) messiânica que, logo à partida, recebe a coroa da vitória (pela sua vitória sobre a morte) e parte, por isso, preparado para a nova e definitiva batalha (*arco*).

^b Lit.: *e partiu vencendo e para vencer*.

^c *O Cordeiro* é acrescento da tradução, tal como nos vv.5,7,9,12.

^d *Os homens* é acrescento da tradução.

^e Em grego *khoînix*, equivalente a c. de um litro.

^f Um *denário* equivale a um dia de trabalho, o que sublinha a fome a que estavam sujeitos os mais pobres, obrigados a trabalhar um dia inteiro para se poderem alimentar. *O azeite* e o *vinho* simbolizam bens acessórios, de que só os mais ricos, egoisticamente, poderiam usufruir.

^g Lit.: *Hades*, o deus do submundo da mitologia grega, que aqui simboliza o Abismo, que acompanha a morte para engolir as suas vítimas.

^h O quinto selo evoca todos os mártires da comunidade sobre cujos túmulos já era costume celebrar a eucaristia.

ⁱ Alguns mss. acrescentam *dos homens*.

^j Alguns mss. mais recentes acrescentam *do cordeiro*.

^k Lit.: *até quando ... não julgas e não vingas*.

^l Os mártires já estão salvos (*veste branca*), mas devem esperar a consumação que virá com a glorificação daqueles que ainda deverão dar testemunho explícito de Cristo.

^m Lit.: *até que sejam completados quer os conservos deles, quer os irmãos deles*.

¹²Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo: houve um grande tremor de terra, o sol ficou negro como um pano rude feito de pelosⁿ, e a lua ficou toda como que em sangue^o; ¹³as estrelas do céu caíram na terra, como uma figueira deixa cair^p os seus figos ao ser sacudida por um forte vento; ¹⁴o céu retraiu-se como um livro que se enrola, e as montanhas e ilhas foram todas removidas dos seus lugares.

¹⁵Os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos e todos, enfim, escravos e livres, se esconderam nas cavernas e nos rochedos das montanhas, ¹⁶e diziam às montanhas e aos rochedos: «*Caí sobre nós e escondi-nos*^q da face daquele que está sentado no trono e da ira do Cordeiro, ¹⁷porque o grande dia da sua ira chegou; quem poderá ficar de pé?».

7 Os eleitos marcados com o selo

¹Depois disto, vi quatro anjos, que estavam de pé nos *quatro cantos da terra*, e que seguravam com firmeza os quatro ventos da terra^r, para que o vento não soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem sobre qualquer árvore.

²E vi outro anjo a subir de onde nasce o sol; tinha o selo do Deus vivo e gritou com voz forte aos quatro anjos, a quem tinha sido permitido causar dano à terra e ao mar, ³dizendo: «Não causeis dano nem à terra, nem ao mar, nem às árvores, até que, com o selo, tenhamos marcado na frente os servos do nosso Deus».

⁴E ouvi o número dos que foram marcados com o selo: foram marcados com o selo cento e quarenta e quatro mil^s, de todas as tribos dos filhos de Israel:

⁵da tribo de Judá^t, doze mil foram marcados com o selo;

da tribo de Rúben, doze mil;

da tribo de Gad, doze mil;

⁶da tribo de Aser, doze mil;

da tribo de Neftali, doze mil;

da tribo de Manassés^u, doze mil;

ⁿ Lit.: *saco de pelo*. Para o termo *sákkos*, cf. Mt 11,21 nota.

^o Os sete cataclismos cósmicos descritos nos vv.12-14 são uma imagem usada frequentemente no AT para indicar a proximidade do Dia do Senhor, em que Ele fará justiça (cf. v.17), e da qual ninguém (como vencem as sete categorias sociais referidas no v.15) poderá fugir.

^p Lit.: *lança fora*.

^q Is 2,10.19; Os 10,8.

^r Antecipa-se a salvação de alguns fiéis (v.4) antes do dia do Juízo, aqui expresso com a imagem de uma devastação universal, causada pelos quatro anjos que, segundo uma crença popular do judaísmo tardio, a partir dos quatro pontos cardeais orientavam o ímpeto dos ventos (cf. *1Hen* 60,11-22; *Jub* 2,2).

^s O selo representa aqui o costume de marcar os animais (e muitas vezes os escravos) com o ferro em brasa, de maneira a identificar o seu proprietário. O número 144.000, usado para falar do novo povo de Deus, resulta da multiplicação das 12 tribos de Israel pelos 12 apóstolos e, a seguir, por 1000 (número que evoca algo incontável).

^t A lista das tribos é encabeçada por Judá (embora fosse o quarto filho de Jacob), pois é a tribo de David, o antepassado do Messias, o verdadeiro leão da tribo de Judá (cf. 5, 5).

^u Esta tribo substituiu a tribo de Dan, conotada com a serpente e com a idolatria (cf. Gn 49,16s; Jz 18; 1Rs 12,28-30). Segundo *TestDn* 5,6, o príncipe da tribo de Daniel é Satanás, o que levou a posterior tradição cristã (Ireneu, *Adv.Haer.* V,30.2) a ligar esta tribo à vinda do Anticristo.

⁷da tribo de Simeão, doze mil;
da tribo de Levi, doze mil;
da tribo de Issacar, doze mil;
⁸da tribo de Zabulão, doze mil;
da tribo de José, doze mil;
da tribo de Benjamim, doze mil foram marcados com o selo.

A multidão dos mártires

⁹Depois disto, vi uma multidão imensa que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas. Estavam de pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos com vestes brancas e com palmas nas mãos^a. ¹⁰E gritavam com voz forte, dizendo: «A salvação ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro!».

¹¹E todos os anjos que estavam de pé à volta do trono, dos anciãos e dos quatro seres viventes, prostraram-se diante do trono, com o rosto por terra, e adoraram a Deus, ¹²dizendo:

«Amen! O louvor, a glória, a sabedoria,
a ação de graças, a honra, o poder e a força
ao nosso Deus pelos séculos dos séculos! Amen.»

¹³Em resposta, um dos anciãos disse-me: «Estes, que estão vestidos com vestes brancas, quem são e donde vieram?»^b. ¹⁴Eu disse-lhe: «Meu senhor, tu é que sabes». Ele disse-me: «Estes são os que vieram da grande tribulação, os que lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro. ¹⁵Por isso, estão diante do trono de Deus e prestam-lhe culto, dia e noite, no seu templo; e Aquele que está sentado no trono^b estenderá sobre eles a sua tenda^c.

¹⁶Nunca mais *terão fome nem sede,*
nem sobre eles cairá o sol nem o calor ardente^d,

¹⁷porque o Cordeiro, que está no meio do trono, *os apascentará*
e os conduzirá às fontes das águas da vida;
e Deus enxugará todas as lágrimas dos seus olhos^e».

8 ¹Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, fez-se no céu um silêncio de cerca de meia hora^f.

^a A multidão de pé e de branco (participantes na ressurreição de Cristo) tem as palmas na mão, símbolo no AT da alegria (Lv 23,40; 1Mac 13,51; 2Mac 10,7), e da vitória na cultura greco-romana.

^b *No trono* é acrescento da tradução.

^c A imagem remete para a tenda onde, durante o caminho do êxodo, Deus manifestava a sua presença no meio do seu povo (Ex 40,1ss). Neste contexto, também a tradição joanina se serviu da imagem para falar do próprio mistério da encarnação do Filho de Deus (cf. Jo 1,14 nota).

^d Lit. *todo o calor*. Is 49,10.

^e Is 25,8.

^f Prolongando a ação litúrgica que a multidão realiza, cria-se uma atmosfera de silêncio sagrado, na expectativa pelo que se vai seguir. A abertura do sétimo selo significa a manifestação e a vinda do mundo

III. SEPTENÁRIO DAS TROMBETAS (8,2–11,14)

As orações dos santos

²Vi, então, os sete anjos que estão de pé na presença de Deus: foram-lhes dadas sete trombetas. ³Veio um outro anjo, que tinha um turíbulo de ouro, e ficou de pé junto do altar; foi-lhe dado muito incenso para que as oferecesse, juntamente com as orações de todos os santos^g, sobre o altar de ouro que está diante do trono. ⁴E da mão do anjo subiu à presença de Deus o fumo do incenso juntamente com as orações dos santos. ⁵O anjo tomou o turíbulo, encheu-o do fogo do altar e lançou-o sobre a terra^h. Houve, então, trovões, vozes, relâmpagos e um tremor de terra.

As quatro primeiras trombetas

⁶E os sete anjos que tinham as sete trombetasⁱ prepararam-se para as tocar.

⁷O primeiro tocou a trombeta, e surgiu granizo^j e fogo misturados com sangue, que foram lançados sobre a terra, e foram queimados um terço da terra, um terço das árvores e toda a erva verde.

⁸O segundo anjo tocou a trombeta, e algo semelhante a uma grande montanha, a arder em fogo, foi lançado ao mar. Um terço do mar tornou-se sangue, ⁹morreu um terço das criaturas que viviam no mar^k, e um terço dos barcos foi destruído^l.

¹⁰O terceiro anjo tocou a trombeta, e caiu do céu uma grande estrela, a arder como uma tocha. Caiu sobre um terço dos rios e sobre as fontes das águas. ¹¹O nome da estrela é Absinto: um terço das águas converteu-se em absinto, e muitos homens morreram por causa das águas, que se tinham tornado amargas.

¹²O quarto anjo tocou a trombeta, e foi atingido um terço do sol, um terço da Lua e um terço das estrelas, de tal forma que um terço deles se obscureceu, e o dia, tal como a noite, perdeu uma terça parte do seu brilho.

¹³Então vi e ouvi uma águia, que voava no mais alto céu, dizendo com voz forte: «Ai! Ai! Ai dos habitantes da terra, por causa dos toques de trombeta que ainda restam^m, e que os três anjos estão prestes a fazer soar^{n!}!».

novo, ou seja, da plenitude do reino de Deus, que acontecerá com a última vinda de Cristo.

^g Cf. 5,8 nota.

^h Este fogo é o símbolo da justiça divina que vai agir no mundo.

ⁱ As trombetas anunciam a ação de Deus na história, de que são sinal os cataclismos cósmicos das primeiras quatro, retomando e unificando elementos e temas teológicos do AT: a destruição do mal para a salvação do seu povo (pragas de Ex 7-10), numa clara perspectiva escatológica (Joel, Ezequiel), embora já em ato na história (Daniel).

^j Cf. a praga de Ex 9,24ss.

^k Lit.: *um terço das criaturas, das que [estão] no mar, que têm almas.*

^l O segundo sinal evoca o castigo de Babilónia, conforme o descreveu Jeremias (Jr 50).

^m Lit.: *restantes.*

ⁿ Lit. *tocar trombeta.*

9 A quinta trombeta: primeiro «Ai!»

¹O quinto anjo^a tocou a trombeta, e vi uma estrela que tinha caído do céu sobre a terra. Foi-lhe dada a chave do poço do abismo: ²ela abriu o poço do abismo, e do poço subiu um fumo, semelhante ao fumo de uma grande fornalha e, por causa do fumo do poço, obscureceram-se o sol e o ar. ³Do fumo saíram gafanhotos em direção à terra, e foi-lhes dado um poder semelhante ao poder que têm os escorpiões da terra. ⁴Foi-lhes dito para não causarem dano à erva da terra, nem a qualquer verdura, nem a árvore alguma, mas apenas aos homens que não tivessem na frente o selo de Deus. ⁵E foi-lhes permitido, não que os matassem, mas que os atormentassem durante cinco meses – e o seu tormento era semelhante ao tormento causado por um escorpião quando fere um homem. ⁶Naqueles dias, os homens hão de procurar a morte sem que a possam encontrar; desejarão morrer mas a morte fugirá deles.

⁷Na sua aparência, os gafanhotos eram semelhantes a cavalos preparados para a guerra^b; sobre as suas cabeças tinham coroas que pareciam de ouro, e os seus rostos assemelhavam-se a rostos humanos^c. ⁸Tinham o cabelo como o cabelo das mulheres, e os seus dentes eram como os dos leões. ⁹Tinham couraças como couraças de ferro, e o ruído das suas asas era como o ruído de muitos carros de cavalos^d a correrem para a guerra. ¹⁰Tinham aguilhões e caudas semelhantes às dos escorpiões, e com as caudas tinham o poder de, durante cinco meses, causar dano aos homens. ¹¹Sobre eles reinava^e o anjo do abismo: o seu nome em hebraico é Abaddon, e em grego tem o nome de Apólion^f.

¹²O primeiro «ai!» passou^g, mas eis que, depois disto, virão ainda dois outros «ais».

A sexta trombeta, o segundo «Ai!»

¹³O sexto anjo tocou a trombeta, e ouvi uma voz vinda dos quatro ângulos^h do altar de ouro que está diante de Deus. ¹⁴Ela dizia ao sexto anjo, àquele que tinha a

^a Segundo a angeologia judaica, um dos anjos caídos, talvez o próprio Satanás (cf. Lc 10,18: *Via Satanás como um relâmpago a cair do céu*; cf. Gn 6,1-4; Is 14,12-15; 2Hen 18,29; VAE 12-16).

^b Lit.: *as semelhanças dos gafanhotos eram semelhantes a cavalos preparados para guerra*.

^c Lit.: *sobre as suas cabeças como coroas semelhantes a ouro, e os seus rostos como rostos de homens*.

^d Ou *carros de muitos cavalos*.

^e Lit.: *tinham sobre eles rei*.

^f Segundo o Ap, Deus serve-se também das forças do mal para punir os pecados da humanidade. A sociedade à margem de Deus e/ou contra Deus acaba por ser vítima dos males que construiu, de que os gafanhotos são um símbolo com as suas características muito próprias: a guerra (*cavalos, couraças, carros de guerra*), o poder e domínio de minorias (*coroas*), a sedução (*cabelos de mulher*), crueldade humana (*dentes como de leão*) e o engano/mentira (*escorpiões*). Quem está por detrás é o demónio, o anjo do abismo, a quem o autor dá o nome de Abaddon e o seu correspondente em grego Apólion, que significa *exterminador*.

^g Alguns mss. mais tardios acrescentam *depois disto*.

^h Lit.: *chifres*. Provável referência às quatro saliências, em forma de chifre, que delimitavam os cantos do altar, talvez para manter presas as vítimas sacrificiais (cf. Ex 27,2; Ez 43,15).

trombeta: «Solta os quatro anjos que estão acorrentados no grande rio Eufratesⁱ». ¹⁵E os quatro anjos, que tinham sido preparados para aquela hora, dia, mês e ano, foram soltos para matar um terço dos homens. ¹⁶O número dos exércitos de cavalaria era de duas miríades de miríades: eu ouvi o seu número.

¹⁷E na visão, foi assim que vi os cavalos e os que neles estavam sentados: tinham couraças da cor do fogo, do jacinto e do enxofre; as cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões, e das suas bocas saía fogo, fumo e enxofre. ¹⁸Um terço dos homens foi morto por estes três flagelos^j, isto é, pelo fogo, pelo fumo e pelo enxofre que saíam das suas bocas. ¹⁹O poder dos cavalos estava na sua boca e nas suas caudas, pois as suas caudas com cabeças eram semelhantes a serpentes e era com elas que causavam dano.

²⁰Os restantes homens – aqueles que não foram mortos por estes flagelos – não se converteram, abandonando as obras feitas pelas suas mãos^k, deixando de adorar os demónios, *os ídolos de ouro, prata, bronze, pedra e madeira, que não podem ver, nem ouvir, nem andar*. ²¹E não se converteram dos seus homicídios, nem das suas feitiçarias, nem da sua devassidão^l, nem dos seus roubos.

10^O pequeno livro doce e amargo

¹Vi, então, outro anjo poderoso a descer do céu, envolto numa nuvem. Tinha o arco-íris sobre a cabeça, o seu rosto era como o sol e os seus pés como colunas de fogo. ²Tinha um pequeno livro aberto^m na sua mão. Pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra, ³e gritou com voz forte, como um leão a rugir. Quando gritou, sete trovões fizeram soar as suas vozesⁿ. ⁴E quando os sete trovões soaram, eu ia começar a escrever, mas ouvi uma voz do céu, que dizia: «Guarda sob sigilo^o o que disseram os sete trovões e não o escrevas».

⁵Então o anjo, que eu tinha visto de pé sobre o mar e sobre a terra, *levantou a sua mão direita para o céu* ⁶e jurou por *Aquele que vive pelos séculos dos séculos*^p, que criou o céu e o que nele existe, a terra e o que nela existe, o mar e o que nele existe: «Já não haverá mais tempo! ⁷Pelo contrário, nos dias em que soar^q a voz do sétimo anjo,

ⁱ A primeira cena (9,13-21) apresenta-nos a monstruosidade das forças diabólicas. Elas provêm da zona do mal, o rio Eufrates, que atravessava a Babilónia e Assur, dois grandes inimigos de Israel no AT.

^j Os flagelos tinham o objetivo de provocar o arrependimento e levar à conversão. Porém, os homens não reconheceram Deus nem mudaram de atitude, continuando a ceder à idolatria. Para Israel, os deuses dos pagãos são identificados como demónios (cf. Dt 32,17; 1Cor 10,19-20).

^k Lit.: *não se converteram das obras das suas mãos*.

^l Cf. Rm 1,29-31; Gl 5,19-21; 1Cor 6,9s; Ef 5,3-5; Mc 7,21s. Alguns mss. leem *da sua maldade* em vez de *da sua devassidão* (lit.: *prostituição*).

^m A segunda cena é uma ação simbólica tomada de Ez 2,8-3,3. O *pequeno livro* contém a palavra de Deus, que é doce, mas torna-se amarga para o profeta, porque lhe trará dissabores (v.9s).

ⁿ Lit. *falaram as vozes deles*.

^o Lit.: *sela*.

^p Dn 12,7.

^q *Em que soar* é acrescento da tradução.

quando ele estiver prestes a tocar a trombeta, consumir-se-á o mistério de Deus, tal como Ele o anunciou aos seus servos, os profetas»^a.

⁸A voz que eu tinha ouvido vinda do céu falou novamente comigo e disse: «Vai, toma o livro que está aberto na mão do anjo que está de pé sobre o mar e sobre a terra». ⁹Fui ter com o anjo e pedi-lhe que me desse o pequeno livro. Ele disse-me: «Toma-o e devora-o; ele te amargará o estômago mas, na tua boca, será doce como o mel». ¹⁰Tomei, pois, o pequeno livro da mão do anjo e devorei-o; na minha boca era como o mel doce; mas quando o engoli, fiquei com o estômago amargo. ¹¹E disseram-me: «É necessário que de novo profetizes contra muitos povos, nações, línguas e reis».

11 As duas testemunhas

¹Foi-me dada, então, uma cana semelhante a uma vara de medir, e foi-me dito^b: «Levanta-te e mede o templo de Deus, o altar e os que nele adoram. ²Mas deixa de parte o átrio que está fora do templo; não o meças, porque ele foi dado aos pagãos, que durante quarenta e dois meses calçarão a cidade santa. ³Concederei, porém, às minhas duas testemunhas que, vestidas de pano grosseiro, profetizem durante mil duzentos e sessenta dias^c». ⁴*Estas são as duas oliveiras e os dois candelabros que estão diante do Senhor da terra*^d. ⁵E se alguém lhes quiser causar dano, sairá das suas bocas um fogo que devorará os seus inimigos; se alguém lhes quiser causar dano, é dessa forma que ele mesmo deverá morrer. ⁶Estas testemunhas^e têm o poder de fechar o céu, para que a chuva não caia durante os dias da sua profecia. Têm também poder sobre as águas para as converter em sangue, e de ferir a terra com toda a espécie de flagelos, quantas vezes quiserem^f.

⁷Quando tiverem completado o seu testemunho, a besta que sobe do abismo há de fazer guerra contra elas, há de vencê-las e matá-las. ⁸E os seus cadáveres ficarão expostos^g na praça da grande cidade que, em sentido figurado^h, se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificadoⁱ.

^a O *mistério de Deus* é o da salvação revelado em Cristo. Os *profetas* poderão ser os das Escrituras ou os das comunidades joaninas (cf. Am 3, 7; *1QpHab* 7; *2Esd* 13,10-12; Ap 22,9).

^b Lit.: *dizendo*, a que alguns mss. antepõem e *estava o anjo de pé*. As ações de medir e de não medir simbolizam, provavelmente, colocar-se ou não sob a proteção de Deus (2Sm 8,2b; Zc 2,5-8).

^c Quarenta e dois meses, isto é, três anos e meio, sendo metade de sete (número perfeito) é símbolo de um tempo parcial; representa a hostilidade do contexto social e político envolvente em relação às sete Igrejas. Por outro lado, é durante esses mil duzentos e sessenta dias (três anos e meio) que os cristãos testemunharão o evangelho. O *pano grosseiro* (lit.: *saco*; cf. Mt 11, 21 nota) representa a pregação profética que convida à penitência e conversão (cf. Jn 3,5-9; Ne 9,1-4).

^d Em Zc 4,3 e 11,4, *as duas oliveiras* simbolizam os dois ungidos, Josué e Zorobabel, dois chefes da comunidade, um religioso e outro civil, após o exílio da Babilónia que, como *candelabros*, servirão o Senhor, guiando o povo.

^e *Testemunhas* é acrescento da tradução.

^f Refere-se a Elias, que em 1Rs 17,1 manda fechar o céu ao orvalho e à chuva, e a Moisés, que transformou água em sangue (Ex 7,17-25).

^g *Ficarão expostos* é acrescento da tradução.

^h Lit.: *espiritualmente*.

ⁱ *Sodoma* é um símbolo bíblico de uma sociedade eivada pelo pecado, e o *Egito* evoca a opressão ao povo de Deus. A *grande cidade* é provavelmente Jerusalém, que já não é considerada «a cidade santa» pelo

⁹Gentes de todos os povos, tribos, línguas e nações verão os seus cadáveres durante três dias e meio, e não permitirão que os cadáveres sejam postos num sepulcro. ¹⁰Por causa deles, os habitantes da terra hão de alegrar-se, exultar e enviar presentes uns aos outros, porque esses dois profetas tinham atormentado os habitantes da terra.

¹¹Mas depois de três dias e meio, *entrou neles um sopro de vida*, que veio de Deus, e *puseram-se de pé*; e um grande medo se abateu sobre aqueles que os estavam a ver.

¹²Ouviram, então, uma voz forte vinda do céu, que lhes dizia: «Subi para aqui». Eles subiram ao céu na nuvem, e os seus inimigos viram-nos. ¹³Naquela mesma hora houve um grande tremor de terra: ruiu a décima parte da cidade, e no tremor de terra morreram sete mil homens; os restantes ficaram cheios de medo e deram glória ao Deus do céu.

¹⁴O segundo «ai!» passou. Mas eis que o terceiro «ai!» virá em breve.

IV. O TRÍPLICE SINAL: A MULHER, O DRAGÃO, E AS SETE TAÇAS (11,15–16,21)

Sétima trombeta

¹⁵O sétimo anjo tocou a trombeta, e no céu surgiram vozes fortes, que diziam: «O reino deste mundo pertence agora ao nosso Senhor e ao seu Cristo^k; Ele reinará pelos séculos dos séculos!».

¹⁶Os vinte e quatro anciãos, que estão sentados nos seus tronos diante de Deus, caíram com o rosto por terra e adoraram a Deus, ¹⁷dizendo:

«Nós te damos graças,
Senhor Deus omnipotente,
Aquele que é e que era,
porque assumiste o teu grande poder e reinaste.

¹⁸Enfureceram-se as nações,
e sobreveio a tua ira,
o tempo de julgar os mortos,
de dar a recompensa aos teus servos, aos profetas,
aos santos^m e aos que temem o teu nome, pequenos e grandes,
e de destruir os que destroem a terra».

¹⁹Abriu-se, então, o templo de Deus que está no céu, e no seu templo apareceu a arca da sua aliançaⁿ. E houve relâmpagos, vozes e trovões, um tremor de terra e um forte granizo.

facto de lá ter sido crucificado o Senhor, pelo que é comparada a Sodoma e ao Egipto.

^j Ez 37,5.10.

^k Lit.: *O reino do mundo é/tornou-se do nosso Senhor e do seu Cristo.*

^l Alguns mss. acrescentam *amen*.

^m Cf. 5,8 nota.

ⁿ A arca da aliança encontrava-se no Santo dos Santos do templo de Salomão. Com a destruição de Jerusalém em 587 a.C., perdeu-se-lhe o rasto, surgindo então a lenda de que Jeremias a teria escondido

12 **A mulher e o dragão**

¹Apareceu no céu um grande sinal: uma mulher^a vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e, sobre a cabeça, uma coroa de doze estrelas. ²Estava grávida e^b gritava com dores de parto, atormentada pela ânsia de dar à luz^c.

³Apareceu, então, no céu um outro sinal: um grande dragão cor de fogo, com sete cabeças e dez chifres e, sobre as cabeças, sete diademas^d. ⁴A sua cauda arrastava um terço das estrelas do céu e lançou-as sobre a terra.

O dragão pôs-se diante da mulher que estava prestes a dar à luz, para lhe devorar o filho, logo que desse à luz.

⁵*Ela deu à luz um filho varão que há de apascentar todas as nações com ceptro de ferro^e*. O seu filho foi arrebatado para junto de Deus e do seu trono, ⁶e a mulher fugiu para o deserto, onde tinha um lugar preparado por Deus, para aí a alimentarem durante mil duzentos e sessenta dias^f.

⁷Houve, então, uma batalha no céu: Miguel^g e os seus anjos combatiam contra o dragão. E o dragão também combatia, juntamente com os seus anjos, ⁸mas não conseguiu prevalecer, e nunca mais eles tiveram lugar^h no céu. ⁹O grande dragão, a antiga serpente, o chamado Diabo e Satanás, aquele que seduz toda a terra habitada, foi precipitado na terra, e com ele foram precipitados os seus anjos.

¹⁰E ouvi uma voz forte no céu, que dizia:

«Agora chegou a salvação, o poder
e o reino do nosso Deus,
e a autoridade do seu Cristo,
porque foi precipitado o acusadorⁱ dos nossos irmãos,
aquele que os acusava diante do nosso Deus, dia e noite;

¹¹Eles venceram-no graças ao sangue do Cordeiro
e à palavra do seu testemunho,

numa caverna do monte Sinai, onde deveria permanecer até à restauração de Israel (2Mac 2,4-8). A sua aparição no templo celestial indica que chegou o tempo messiânico da restauração.

^a A *mulher* simboliza a Igreja (*doze estrelas*) que, revestida da luz de Cristo (*sol*), é chamada a dá-lo continuamente à luz (anúncio do evangelho), superando as vicissitudes dos tempos (*lua*).

^b Lit.: *tendo no ventre*.

^c Lit.: *atormentada (para) parir*.

^d O dragão (identificado com o *Diabo e Satanás*), de natureza violenta (*cor de fogo*), apresenta-se cheio de vitalidade (*sete cabeças*) e com uma imensa força (*dez chifres*). O seu poder concretiza-se nos reinos da terra (*sete diademas*). Com a imagem das estrelas lançadas sobre a terra (v.4) alude-se à queda dos anjos maus (criaturas que surgem já nos mitos babilónicos e cananeus), seduzidos e arrastados por Satanás.

^e Is 66,7; Sl 2,9 (LXX).

^f O período de 1260 dias corresponde a três anos e meio, i.e., a um tempo incompleto (cf. 11, 3, nota).

^g *Miguel* (em hebraico: *Quem [é] como Deus?*), segundo a tradição judaica expressa no livro de Daniel, é o combatente de Deus (Dn 10,12-21; 12,1).

^h Lit.: *se encontrou lugar*.

ⁱ *Satanás*, segundo a etimologia hebraica (*Sātān*), significa *acusador* (Sl 109,6) ou *adversário* (2Sm 19,23; 1Rs 5,18); com o artigo indica um nome próprio (1Cr 21,1), e é identificado com a serpente de Gn 3 (cf. Sb 2, 24).

desprezando até à morte a própria vida^j.

¹²Por isso, exultai, ó céus,
e vós que neles habitais!
Ai de vós, terra e mar,
porque o Diabo desceu até vós com uma grande fúria, sabendo que tem pouco tempo».

A luta do dragão contra a mulher

¹³Quando o dragão se viu precipitado na terra, começou a perseguir a mulher que tinha dado à luz o filho varão. ¹⁴Foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que voasse até ao deserto^k, até ao lugar que lhe tinha sido preparado^l, onde é alimentada *por um tempo, tempos e metade de um tempo*^m, longe da vistaⁿ da serpente.

¹⁵A serpente lançou então pela boca um rio de água^o, atrás da mulher, para fazer com que ela fosse arrastada pela corrente. ¹⁶Mas a terra veio em socorro da mulher: a terra abriu a sua boca e engoliu o rio que o dragão da sua própria boca lançara.

¹⁷O dragão enfureceu-se contra a mulher e partiu para fazer guerra contra o resto da sua descendência, contra aqueles que guardam os mandamentos de Deus e conservam o testemunho de Jesus. ¹⁸Depois foi pôr-se^p sobre a areia do mar.

13 A besta e o dragão

¹Vi, então, uma besta que subia do mar. Tinha dez chifres e sete cabeças; sobre os chifres tinha dez diademas e sobre as cabeças um nome blasfemo^q. ²A besta que vi era semelhante a um leopardo; os seus pés eram como os de um urso e a sua boca como a boca de um leão. O dragão deu-lhe a sua força, o seu trono, e um grande poder. ³Uma das suas cabeças parecia ferida de morte, mas a ferida mortal foi curada.

E toda a terra, tomada de admiração, seguiu a besta. ⁴Adoraram o dragão que tinha dado o poder à besta e adoraram a besta, dizendo: «Existe alguém que se possa assemelhar à besta? Quem poderá combater contra ela?».

⁵Foi-lhe dada uma boca para dizer insolências e blasfémias. Foi-lhe também dado o poder de atuar^r durante quarenta e dois meses. ⁶Ela abriu a sua boca para dizer

^j Lit.: e não amaram a vida deles até à morte.

^k Tal como os israelitas sob a opressão do faraó, também agora o povo se encontra ameaçado por uma força hostil. Mas tal como o fez outrora, através do êxodo, também agora Deus intervém em favor do seu povo, protegendo-o com a sua força (*asas da grande águia*; cf. Ex 19,4).

^l Lit.: para o lugar dela.

^m I. e., três tempos e meio (cf. 12,6 nota).

ⁿ Lit.: face.

^o Lit.: água como um rio.

^p Ou *pus-me*, segundo outros mss.

^q A besta é uma força demoníaca (*subia do mar*, i.e., do abismo), que concretiza na terra a oposição do dragão a Deus (cf. 17,8-14), sendo a síntese das quatro bestas de que fala Dn 7,2-7 (no contexto da perseguição de Antíoco IV Epifanes).

^r Alguns mss. leem *fazer a guerra* em vez de *agir*.

blasfêmias contra Deus, para blasfemar contra o seu nome, contra a sua morada e contra os que habitam no céu^a.

⁷Foi-lhe permitido fazer guerra contra os santos^b e vencê-los. Foi-lhe também dado poder sobre todas as tribos, povos, línguas e nações. ⁸Hão de adorá-la todos os habitantes da terra, aqueles cujos nomes não estão inscritos, desde a fundação do mundo, no Livro da Vida^c do Cordeiro que foi imolado.

⁹Quem tem ouvidos ouça:

¹⁰*Se alguém tiver de ir para o cativoiro,
para o cativoiro irá^d;
se alguém tiver de ser morto pela espada,
pela espada será morto^e.*

É nisto que está a perseverança e a fé dos santos.

A segunda besta e o falso profeta

¹¹Vi, então, outra besta que subia da terra^f. Tinha dois chifres semelhantes aos do Cordeiro, mas falava como um dragão. ¹²Ela exerce todo o poder da primeira besta, na sua presença, e faz com que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja ferida mortal tinha sido curada. ¹³Realiza grandes sinais, até o de, diante dos homens, fazer descer fogo do céu sobre a terra. ¹⁴E seduz os habitantes da terra com os sinais prodigiosos^g que lhe foi permitido realizar na presença da besta, dizendo aos habitantes da terra para fazerem uma imagem da besta que fora ferida pela espada, mas que sobreviveu.

¹⁵Foi-lhe também permitido dar vida^h à imagem da besta, de modo a que a imagem da besta falasse e fizesse com que fossem mortos aqueles que não adorassem a imagem da bestaⁱ. ¹⁶E ela fez com que todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, recebessem uma marca na sua mão direita ou na sua frente, ¹⁷a fim de que ninguém pudesse comprar ou vender, a não ser aquele que tivesse a marca: o nome da besta ou o número do seu nome. ¹⁸É nisto que está a sabedoria: quem tem inteligência calcule o número da besta; trata-se do número de um homem^j. O seu número é seiscentos e sessenta e seis^k.

^a Lit.: *contra a sua tenda e contra os que estabeleceram a sua tenda no céu*. Cf. 7,15 nota.

^b I.e., os cristãos, santificados pelo batismo.

^c Sobre a expressão, cf. Fl 4,3 nota.

^d Lit.: *Se alguém para cativoiro, para cativoiro parte*.

^e Jr 15,2; 43,11.

^f Apresentação da segunda besta, ao serviço da primeira, que controla as pessoas, instituições e comércio, e impõe o culto idolátrico da primeira besta.

^g *Prodigiosos* é acrescento da tradução.

^h Lit.: *espírito*.

ⁱ Provável referência à obrigatoriedade do culto ao imperador, reconhecendo-o como um deus, que incluía, por isso, a adoração da sua imagem (cf. Plínio o Jovem, *Ep* 10,96).

^j Ou *número humano*.

^k O número é composto por três algarismos, o que evoca a totalidade ou o poder; todos eles, porém, ficam abaixo do número sete, o número simbólico da plenitude, o que indica tratar-se de uma reali-

14 Os resgatados do Cordeiro

¹Vi, então, o Cordeiro de pé sobre o monte Sião e, com Ele, cento e quarenta e quatro mil que tinham o nome do Cordeiro¹ e o nome do seu Pai gravados na sua frente.

²E ouvi uma voz, vinda do céu, semelhante ao fragor das águas torrenciais e ao estrondo de um forte trovão^m. O som que eu ouvi era semelhante ao de cantoresⁿ, tangendo as suas cítaras. ³Cantavam um cântico novo^o, diante do trono e diante dos quatro seres vivos e dos anciãos. Ninguém conseguia aprender o cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram resgatados da terra. ⁴Estes são os que não se perverteram com mulheres^p, pois são virgens; estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vá: foram resgatados de entre os homens, como primícias^q para Deus e para o Cordeiro. ⁵*Na sua boca não foi encontrada mentira*: são irreprensíveis.

Anúncio do julgamento

⁶Vi, então, um outro anjo que voava no mais alto céu, e que tinha um evangelho eterno para anunciar àqueles que habitam a terra: a todas as nações, tribos, povos e línguas. ⁷E dizia com voz forte:

«Temei a Deus e dai-lhe glória, porque chegou a hora do seu julgamento. Adorai Aquele que fez o céu e a terra, o mar e as fontes das águas!»

⁸Seguiu-se-lhe um segundo anjo, que dizia:

«Caiu, caiu Babilónia, a Grande^s, que deu a beber a todas as nações o vinho do furor da sua prostituição!».

⁹Seguiu-se-lhes um terceiro anjo, que dizia com voz forte: «Se alguém adora a besta e a sua imagem, e recebe a marca na sua frente ou na sua mão, ¹⁰também esse

dade poderosa, mas totalmente imperfeita. Há várias explicações para o número, dadas pela guematria (numerologia hebraica); ao atribuir um valor numérico às letras, a hipótese mais difundida é aquela que aponta para o nome do imperador romano Nero, depois de transliterado para o hebraico.

¹ Lit.: *dele*.

^m Lit.: *como voz de muitas águas e como voz de grande trovão*.

ⁿ Lit.: *citaristas*, ou seja, alguém que canta e toca a cítara ao mesmo tempo.

^o O *cântico novo* que celebra a libertação do povo de Deus recorda o que Moisés entoou para celebrar a libertação do Egito (Ex 15).

^p Lit.: *contaminaram com mulheres*. A expressão parece remeter para a prostituição sagrada, ou ainda metaforicamente para a idolatria, considerada como prostituição (cf. Os 1,2), e que aqui se referiria ao culto da besta (cf. Ap 17,1). Os 144.000 são os resgatados (5,9) que permaneceram virgens, i.e., não se prostituíram, prestando culto à besta, mas permaneceram fiéis a Cristo Cordeiro, e por isso serão convidados para as suas núpcias (cf. 19,9; 21,2).

^q Para a expressão, cf. Ex 23,19; Dt 12,6.

^r Is 53,9; Sf 3,13.

^s A Babilónia, que em 587 a.C. destruiu o templo de Jerusalém, é considerada a personificação do culto idolátrico, identificado no AT como *fornicação* ou *prostituição*. Daí o epíteto de *grande prostituta*, e do seu nome se ter transformado num símbolo urbano de idolatria, decadência e pecado, tendo sido aplicado, na literatura judaica do segundo templo, ao Egito, a Kittim, a Edom, e sobretudo a Roma (cf. 2Esd 3,1s.28-31; 2Br 10,1-3; 11,1; 67,7; OrSib 5, 143-149)

beberá do vinho da fúria de Deus, preparado sem mistura no cálice da sua ira, e será atormentado com o fogo e o enxofre^a, diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. ¹¹O fumo do seu tormento subirá pelos séculos dos séculos; não terão descanso, nem de dia nem de noite, aqueles que adoram a besta e a sua imagem, e recebem^b a marca do seu nome. ¹²É nisto que está a perseverança dos santos^c, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus».

¹³E ouvi uma voz vinda do céu, que dizia: «Escreve: felizes os mortos, aqueles que, a partir de agora, morrem no Senhor. Sim – diz o Espírito – que descansem das suas fadigas: as suas obras os acompanham».

A ceifa e a vindima das nações

¹⁴Vi, então, uma nuvem branca e, sentado sobre a nuvem, alguém semelhante a um filho de homem^d: tinha sobre a cabeça uma coroa de ouro e na mão uma foice afiada. ¹⁵Um outro anjo saiu do templo, e gritou com voz forte ao que estava sentado sobre a nuvem: «Lança a tua foice e ceifa: chegou a hora de ceifar, porque a seara da terra já está madura». ¹⁶Então, o que estava sentado sobre a nuvem lançou a sua foice sobre a terra, e a terra foi ceifada.

¹⁷Um outro anjo saiu do templo que está no céu, tendo também ele uma foice afiada. ¹⁸E um outro anjo, o que tem poder sobre o fogo, saiu do altar, e gritou com voz forte ao que tinha a foice afiada, dizendo: «Lança a tua foice afiada e vindima os cachos das videiras da terra, porque as suas uvas já estão maduras». ¹⁹Então, o anjo lançou a sua foice sobre a terra, vindimou a vinha da terra e lançou as uvas^e no grande lagar da fúria de Deus^f. ²⁰O lagar foi pisado fora da cidade, e do lagar saiu sangue que subiu até à altura dos^g freios dos cavalos, espalhando-se por mil e seiscentos estádios^h.

15 Os sete flagelos e o cântico de Moisés e do Cordeiro

¹Vi, então, outro sinal no céu, grande e admirável: sete anjos que traziam sete flagelos – foram os últimos, porque com eles se consumou a fúria de Deus.

²E vi como que um mar de vidroⁱ misturado com fogo e, de pé sobre o mar de vidro, aqueles que tinham vencido a besta, a sua imagem e o número do seu nome.

^a Fogo e enxofre surgem no AT para castigar os ímpios (cf. Gn 19; Is 34,9).

^b Lit.: *se alguém recebe*.

^c I.e., os cristãos, santificados pelo batismo.

^d Evocação da figura de Dn 7,13ss, que vem do céu para julgar a terra; é também a expressão com que Jesus se refere si próprio (cf. Mt 8,20 nota).

^e Uvas é acrescento da tradução.

^f As imagens da ceifa e da vindima representam o julgamento divino, adiante apresentado (19,11-20).

^g Lit.: *até aos*.

^h Mil e seiscentos estádios (c. 300 km) é uma medida simbólica, para indicar a abrangência do julgamento.

ⁱ Cf. 4,5 nota.

Tinham nas suas mãos^j as cítaras de Deus,³ e cantavam o cântico de Moisés^k, o servo do Senhor, e o cântico do Cordeiro, dizendo:

«Grandes e admiráveis são as tuas obras^l,
 Senhor Deus onnipotente!^m
 Justos e verdadeiros são os teus caminhosⁿ,
 ó Rei das nações!

⁴Senhor, quem não há de temer^o
 e glorificar o teu nome?^p

Porque só Tu és santo:
 todas as nações virão
 prostrar-se diante de ti,

pois se manifestaram as tuas justas sentenças!».

⁵Depois disto, vi abrir-se no céu o templo da Tenda do Testemunho. ⁶Do templo saíram os sete anjos que tinham os sete flagelos; estavam vestidos de linho puro, resplandecente, e cingidos no peito com cintos de ouro. ⁷Um dos quatro seres viventes deu aos sete anjos sete taças^q de ouro cheias da fúria de Deus, que vive pelos séculos dos séculos^r. ⁸O templo encheu-se do fumo que emanava da glória de Deus e do seu poder, e ninguém podia entrar no templo, até que os sete flagelos dos sete anjos se consumassem.

16 As sete taças derramadas

¹E ouvi uma voz forte, vinda do templo, que dizia aos sete anjos: «Ide e derramai sobre a terra as sete taças da fúria de Deus^s».

²Partiu o primeiro anjo e derramou a sua taça sobre a terra: uma chaga funesta e maligna apareceu nos homens que tinham a marca da besta e que adoravam a sua imagem.

³O segundo anjo derramou a sua taça sobre o mar, que se converteu em sangue semelhante ao de um morto, e morreu todo o ser vivo^t que havia no mar.

⁴O terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fontes das águas, que se converteram em sangue. ⁵E ouvi o anjo das águas a dizer:

^j Nas suas mãos é acrescento da tradução.

^k Cf. 14,3 nota.

^l Sl 111,2;139,14

^m Am 3,13; 4,13 (LXX).

ⁿ Dt 32,4; Sl 145,17.

^o Jr 10,7.

^p Sl 86,9

^q As taças eram também instrumentos usados no templo e no culto (cf. Ex 27,3).

^r Alguns mss. acrescentam *amen*.

^s O desenvolvimento do septenário das taças articula-se num esquema literário que faz recordar o das trombetas. O fundo veterotestamentário continua a ser o do êxodo, mas agora com uma intervenção definitiva da parte de Deus.

^t Lit.: *toda a alma de vida*.

«És justo, Tu que és e que eras, Tu, o Santo, porque assim exerceste o julgamento»;

⁶e, porque derramaram o sangue dos santos e dos profetas, também Tu lhes deste a beber sangue – eles bem o mereceram^b!»

⁷E ouvi uma voz, vinda do altar, que dizia: «Sim, ó Senhor, Deus omnipotente, verdadeiros e justos são os teus juízos!».

⁸O quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, a quem foi então concedido queimar os homens com o seu fogo. ⁹Os homens foram queimados por um calor abrasante^c e blasfemaram contra o nome de Deus que é quem tem poder sobre tais flagelos, em vez de se converterem para lhe dar glória.

¹⁰O quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, e o seu reino ficou imerso nas trevas. Os homens mordiam as suas línguas com a dor ¹¹e blasfemavam contra o Deus do céu, por causa das suas dores e das suas chagas, em vez de se converterem das suas obras.

¹²O sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates, e a sua água secou para que se preparasse o caminho dos reis do oriente^d. ¹³E então vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos impuros^e semelhantes a rãs: ¹⁴eram espíritos demoníacos que realizam sinais prodigiosos^f, e que saíram ao encontro dos reis de toda a terra, a fim de os reunir para a batalha do grande dia^g do Deus omnipotente.

¹⁵– «Eis que virei como um ladrão; feliz aquele que estiver vigilante e tiver conservado as suas vestes, para que assim não venha a caminhar nu e não o vejam num tal estado vergonhoso^h» –

¹⁶E a esses espíritosⁱ reuniram-nos num lugar chamado, em hebraico, Harmaguédon^j.

^a Lit.: *porque julgaste estas coisas.*

^b Lit.: *são dignos [disso].*

^c Lit.: *grande calor.*

^d Lit.: *de onde nasce do sol*, como em 7,2.

^e Esta tríade anti-divina (dragão, besta – a segunda, besta da terra – e falso profeta) – juntamente com os espíritos, reúnem os reis da terra para a investida final contra Deus e o Cordeiro. Trata-se da batalha escatológica.

^f *Prodigiosos* é acrescento da tradução.

^g Evocação do *dia do Senhor* (cf. Rm 2,5; 1Cor 1,8; 2Ts 2,2), i.e., o dia do juízo.

^h Lit.: *a sua vergonha.*

ⁱ *Esses espíritos* é acrescento da tradução.

^j *Harmaguédon* (do hebraico *Har Meggido*, isto é, monte Meguido) está situado junto do monte Carmelo, na Galileia, onde Salomão fundou uma cidade real. Historicamente, porém, o lugar é sobretudo recordado por aí ter sido morto em combate o rei Josias, em 609 a.C.. *Meggido* significa *reunião de tropas*, e tornou-se um símbolo de desastre para os exércitos que aí se reúnem (cf. Zc 12,11); por isso, indica o lugar onde, segunda a tradição judaica, acontecerá a batalha final (cf. 2Rs 23,29s; 2Cr 35,22-24; Jz 5,20; Dn 10,13-11,1; *IQM* 1).

¹⁷O sétimo anjo derramou a sua taça no ar e, do templo, saiu uma voz forte vinda do trono, que dizia: «Está feito!». ¹⁸Surgiram, então, raios, vozes e trovões, e houve um grande tremor de terra, como nunca acontecera^k desde que o homem existe na terra. ¹⁹A grande cidade partiu-se em três partes, e as cidades dos pagãos desabaram. Diante de Deus foi então recordada Babilónia^l, a Grande, para que Ele lhe desse o cálice do vinho da fúria da sua ira. ²⁰Todas as ilhas fugiram, e as montanhas desapareceram. ²¹Um forte granizo, com pedras do peso de um talento^m, caiu do céu sobre os homens. E os homens blasfemaram contra Deus por causa do flagelo do granizo, porque era, de facto, um grande flagelo.

V. SECÇÃO CONCLUSIVA (17,1-22,5):

JULGAMENTO E QUEDA DA BABILÓNIA (17,1-19,10)

17 Babilónia, a grande prostituta

¹Veio, então, um dos sete anjos, daqueles que tinham as sete taças, e falou comigo, dizendo: «Vem. Vou mostrar-te a condenação da grande prostituta, que está sentada sobre muitas águasⁿ. ²Com ela se prostituíram os reis da terra, e foi com o vinho da sua prostituição que os habitantes da terra se embriagaram».

³Levou-me em espírito ao deserto. E vi uma mulher sentada sobre uma besta de cor escarlate, cheia de nomes blasfemos, com sete cabeças e dez chifres. ⁴A mulher estava vestida de púrpura e escarlate, adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas. Tinha na sua mão um cálice de ouro, cheio das abominações e das imundícies da sua prostituição. ⁵E na sua frente tinha gravado um nome misterioso: «Babilónia, a Grande, a mãe das prostitutas^o e das abominações da terra!».

⁶E vi a mulher, que estava embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus. Ao vê-la, fiquei profundamente admirado. ⁷O anjo disse-me: «Porque te admiras? Eu vou explicar-te o mistério da mulher e da besta que a carrega que tem sete cabeças e dez chifres.

O simbolismo da besta e da Prostituta

⁸A besta que viste existia, mas já não existe; está prestes a subir do abismo, mas avança para a perdição. Os habitantes da terra, aqueles cujos nomes não estão inscritos, desde a fundação do mundo, no Livro da Vida, ficarão admirados ao verem que vai reaparecer a besta que existia e que já não existe. ⁹Aqui é preciso uma inteligência^p

^k Ou seja, Deus vai intervir na história de maneira definitiva.

^l Lit.: *Babilónia, a grande, foi recordada diante de Deus.*

^m Lit.: *um grande granizo, como talentos*, isto é, com o peso de c. 36 quilos cada. Uma vez mais, o simbolismo está baseado nas pragas do Egito.

ⁿ Cf. v.15.

^o Cf. 14, 8 nota.

^p Lit.: *aqui [está] a inteligência.*

que tenha sabedoria^a. As sete cabeças são os sete montes, sobre os quais a mulher está sentada^b. São também os sete reis: ¹⁰ cinco já caíram, um subsiste e o outro ainda não veio; mas quando vier, é necessário que permaneça por um breve tempo^c. ¹¹A besta, que existia e que já não existe, é ela própria o oitavo e também um dos sete, mas avança para a perdição.

¹²Os dez chifres que viste são dez reis^d, que ainda não receberam o reino mas que, como reis, receberão o poder por uma hora, juntamente com a besta.

¹³Estes têm um único desígnio: pôr a sua força e o seu poder ao serviço da besta^e.

¹⁴Combaterão contra o Cordeiro, mas o Cordeiro vencê-los-á – porque é Senhor dos senhores e Rei dos reis – e com Ele estarão os chamados, os eleitos, os fiéis».

¹⁵E disse-me: «As águas que viste, onde a prostituta está sentada, são povos e multidões, nações e línguas. ¹⁶Mas os dez chifres que viste, tal como a besta, odiarão a Prostituta, deixá-la-ão desolada e nua, comerão as suas carnes, e queimá-la-ão com o fogo. ¹⁷De facto, Deus colocou nos seus corações o propósito de realizar o seu desígnio^f, e o seu único desígnio é entregar o reino deles à besta, até que se cumpram as palavras de Deus. ¹⁸A mulher que viste é a grande cidade, que reina^g sobre os reis da terra».

18 Queda da Babilónia^h

¹Depois disto, vi um outro anjo, que descia do céu com grande poder, e a terra foi iluminada com a sua glória. ²E gritou com voz poderosa, dizendo:

«*Caiu! Caiu Babilónia*, a grande. Tornou-se *morada de demónios*, antroⁱ de todo o tipo de espíritos impuros, antro de todo o tipo de aves impuras, antro de todo o tipo de bestas impuras e odiosas, ³porque todas as nações beberam do vinho da fúria da sua prostituição; os reis da terra prostituíram-se com ela, e os comerciantes da terra enriqueceram com a sua luxúria desenfreada^j».

Apelo à fuga do povo de Deus

⁴E ouvi outra voz vinda do céu, que dizia:

^a Não se trata de uma experiência prática associada ao senso comum, mas da capacidade ou dom divino de conhecer o mistério de Deus (cf. 1Cor 2,6-13).

^b Refere-se a Roma, cidade das sete colinas.

^c Os sete reis representam a totalidade dos imperadores romanos. O facto de já se estar sob o reinado do penúltimo indica que se está a caminhar para o termo do poder deste império.

^d Trata-se de reis vassalos que logo a seguir se revoltarão contra o jugo do império.

^e Lit.: *dão à besta quer o poder quer a autoridade deles*.

^f Lit. *realizar o seu desígnio*.

^g Lit.: *que tem reino*.

^h O autor faz uma releitura e adaptação dos cantos fúnebres dos profetas Isaías e Ezequiel em relação a Tiro e Babilónia (cf. Is 23; Jr 50s; Êz 25-27).

ⁱ Lit. *prisão*.

^j Lit.: *com o poder da sua luxúria*.

«Saí dela, vós que sois meu povo, para não participardes nos seus pecados, e não receberdes os seus flagelos.

⁵Porque os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus recordou-se das suas iniquidades. ⁶Pagai-lhe com a mesma moeda^k, retribuí-lhe o dobro segundo as suas obras e, no cálice em que ela misturou, misturai-lhe uma dupla dose. ⁷Dai-lhe agora em tormento e em luto o correspondente a quanto gastou na sua glorificação e na sua luxúria. Porque no seu coração dizia: “Estou sentada como rainha, não sou viúva e jamais verei o luto!”. ⁸Por isso, num só dia chegarão os seus flagelos: a morte, o luto e a fome, e pelo fogo será queimada, porque poderoso é o Senhor Deus que a julgou!

Lamentos sobre a queda da Babilónia

⁹Por sua causa hão de chorar e bater no peito os reis da terra que com ela se prostituíram e viveram na luxúria, quando virem o fumo do seu incêndio; ¹⁰e de longe, imobilizados pelo medo perante o seu próprio tormento, hão de dizer:

“Ai, ai de ti, ó grande cidade,
ó Babilónia, cidade poderosa!

Porque uma só hora bastou para a tua condenação!^l”

¹¹Também os comerciantes da terra hão de chorar e lamentar-se por sua causa, porque já ninguém comprará as suas mercadorias: ¹²carregamentos de ouro, prata, pedras preciosas e pérolas, de linho fino e púrpura, seda e escarlate; toda a espécie de madeira perfumada, todo o tipo de objeto de marfim e todo o tipo de madeira preciosa, de bronze, de ferro e de mármore; ¹³canela e especiarias^m, fragâncias, perfume e incenso, vinho e azeite, flor da farinha e trigo, gado e ovelhas, cavalos e carroças, escravosⁿ e vidas humanas.

¹⁴Os frutos sazonais, que a tua alma tanto desejava, afastaram-se de ti; tudo o que era opulência e esplendor se perdeu para ti, e ninguém jamais os voltará a encontrar!

¹⁵Os comerciantes de tudo isto, que graças a ela enriqueceram, de longe e imobilizados pelo medo perante o seu tormento, hão de chorar e lamentar-se, ¹⁶dizendo:

“Ai, ai de ti, ó grande cidade,
vestida de linho fino, de púrpura e de escarlate,
adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas!

¹⁷Porque uma só hora bastou para tanta riqueza se transformar em deserto^o!”

E de longe, imobilizados, todos os pilotos, todos os que navegam para diferentes destinos, marinheiros e quantos trabalham no mar, ¹⁸ao verem o fumo do seu incên-

^k Lit.: *como ela própria pagou*.

^l Lit.: *numa só hora chegou o teu julgamento*.

^m Lit.: *amomo*.

ⁿ Lit.: *corpos*.

^o Lit.: *porque numa hora foi desertificada* (mesmo verbo do v.19) *tal riqueza*.

dio, gritavam, dizendo: “Que cidade^a se podia assemelhar à grande cidade?” ¹⁹Lançaram pó sobre as suas cabeças e, chorando e lamentando-se, gritavam, dizendo:

“Ai, ai de ti, ó grande cidade!

Nela enriqueceram, com as suas preciosidades,
todos os que tinham barcos no mar!

Porque uma só hora bastou para se transformar num deserto!”

²⁰Exulta^b, ó céu, por sua causa,
e também vós santos^c, apóstolos e profetas,
porque, ao condená-la, Deus fez-vos justiça^d».

²¹Então um anjo poderoso levantou uma pedra, semelhante a uma grande mó de moinho, e lançou-a ao mar^e, dizendo:

«Será assim, com um tal ímpeto, que Babilónia, a grande cidade, será precipitada, e jamais será encontrada».

²²Nunca mais em ti se ouvirá
o som dos músicos, dos tocadores de cítara,
de flauta e de trombeta!

Nunca mais em ti se encontrará
artífice algum de qualquer arte;
nunca mais em ti se ouvirá
o ranger da mó!

²³Nunca mais em ti brilhará
a luz da lâmpada;
nunca mais em ti se ouvirá
a voz do noivo e da noiva!

Porque os teus comerciantes eram os grandes da terra,
e com a tua feitiçaria foram seduzidas todas as nações.

²⁴Nela foi encontrado o sangue dos profetas e dos santos
e de todos os que foram imolados sobre a terra».

19 Cantos de triunfo no céu^f

¹Depois disto, ouvi como que uma voz forte, de uma numerosa multidão no céu, que dizia:

^a *Cidade* é acrescento da tradução.

^b O anjo retoma aqui o seu discurso.

^c I.e., os cristãos, santificados pelo batismo.

^d Lit.: *porque Deus julgou o vosso juízo dela*.

^e Evocação do gesto sugerido por Jeremias contra Babilónia (cf. Jr 51,63s): o lançamento de uma pedra ao rio Eufrates, que significaria o desaparecimento da cidade.

^f Em contraste com as anteriores lamentações sobre a terra, no céu desenvolve-se uma liturgia festiva, que se vai desenvolvendo em três tempos: primeiro, uma grande multidão celebra Deus pela salvação que realizou mediante a condenação da *grande prostituta* (vv.1-4); segue-se uma reação celestial que exorta todos a louvarem Deus (v.5); por último, surge a resposta da multidão imensa, que presta o seu louvor e celebra a chegada das bodas do Cordeiro (cf. 7,9-17; 11,15-19; 15,2-4; 20,4-6).

«Aleluia!

A salvação, a glória e o poder pertencem ao nosso Deus,

² porque verdadeiros e justos são os seus juízos!

Porque Ele condenou a grande prostituta,

que com a sua prostituição corrompia a terra,

e vingou o sangue dos seus servos, que pela mão dela foi derramado^g!».

³ E disseram uma segunda vez:

«Aleluia!

O fumo das suas chamas vai subindo^h pelos séculos dos séculos!».

⁴ Então, os vinte e quatro anciãos e os quatro seres vivos prostraram-se e adoraram a Deus, que está sentado no trono, e diziam:

«Amen! Aleluia!».

⁵ Do trono saiu uma voz, que dizia:

«Louvai o nosso Deus,

vós todos, os seus servos,

vós que o temeis,

pequenos e grandes!».

⁶ E ouvi como que a voz de uma numerosa multidão, semelhante ao fragor das águas torrenciaisⁱ e ao estrondo de fortes trovões, que dizia:

«Aleluia!

Porque o Senhor nosso Deus, o Onnipotente, começou a reinar!

⁷ Alegremo-nos, exultemos

e dêmos-lhe glória,

porque chegaram as núpcias do Cordeiro^j,

e a sua esposa está preparada:

⁸ foi-lhe concedido vestir-se com resplandecente e puro linho fino».

O linho fino são as ações justas dos santos^k.

⁹ O anjo^l disse-me: «Escreve: felizes os convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro!».

E disse-me ainda^m: «Estas são as palavras verdadeiras de Deus».

¹⁰ Então prostrei-me a seus pés para o adorar, mas ele disse-me: «Não faças isso! Sou um servo, como tuⁿ e como os teus irmãos, que conservam o testemunho de Jesus. É a Deus que deves adorar^o! Pois o testemunho de Jesus é o espírito da profecia».

^g *Derramado* é acrescento da tradução.

^h Lit.: *o seu fumo sobe*.

ⁱ Cf. 1,15; 14,2.

^j Para os profetas a imagem das núpcias evoca a aliança entre Deus e Israel (cf. Is 51; Jr 2,2-20; Ez 16,2-14; Os 1-3).

^k I.e., os cristãos, santificados pelo batismo.

^l *O anjo* é acrescento da tradução.

^m *Ainda* é acrescento da tradução.

ⁿ Lit.: *conservo*, i. e., servo companheiro.

^o Lit.: *adora a Deus!*

JULGAMENTO DAS DUAS BESTAS (19,II-21)

¹¹Vi, então, o céu aberto^a; e eis que surgiu^b um cavalo branco^c. Aquele que o montava é chamado Fiel e Verdadeiro: Ele julga e combate com justiça.

¹²Os seus olhos eram como chamas de fogo; tinha sobre a cabeça muitos diademas e trazia gravado um nome que ninguém conhecia, senão Ele. ¹³Estava vestido com um manto embebido em sangue^d, e o seu nome é: Palavra de Deus^e. ¹⁴Os exércitos que estão no céu^f seguiam-no em cavalos brancos, vestidos de linho fino, branco e puro. ¹⁵Da sua boca saía uma espada afiada, para com ela ferir as nações. É Ele quem *as apascentará com ceptro de ferro* e, no lugar, pisará o vinho da fúria da ira de Deus onnipotente. ¹⁶No manto e na coxa tem um nome gravado: «Rei dos reis e Senhor dos senhores».

¹⁷Vi ainda um anjo que estava de pé no sol. Ele gritou com voz forte, dizendo a todas as aves que voam no mais alto céu: «Vinde! Reuni-vos para o grande banquete de Deus, ¹⁸para comerdes as carnes dos reis, as carnes dos comandantes, as carnes dos poderosos, as carnes dos cavalos e daqueles que neles se sentam, e as carnes de todos, livres e escravos, pequenos e grandes!».

¹⁹Vi, então, a besta, os reis da terra e os seus exércitos, reunidos para fazer guerra contra Aquele que estava sentado no cavalo e contra o seu exército. ²⁰Mas a besta foi capturada e, com ela, o falso profeta que, na sua presença, tinha realizado sinais prodigiosos^g, com os quais seduzira os que tinham recebido a marca da besta e os que tinham adorado a sua imagem. Ambos foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre^h. ²¹Os restantes foram mortos pela espada que saía da boca daquele que estava sentado no cavalo, e todas as aves se saciaram com as suas carnes.

JULGAMENTO DO DRAGÃO E DOS SEUS EXÉRCITOS (20,I-10)

20¹Vi, então, um anjo que descia do céu; tinha a chave do abismo e uma grande corrente na mão. ²Agarrou o dragão – a serpente antiga, que é o Diabo e Satanás – e acorrentou-o durante mil anosⁱ; ³precipitou-o no abismo, que fechou

^a Fórmula revelatória comum (cf. Ez 1,1; 2Br 22,1; Mt 3,16; At 7,56; Jo 1,51).

^b *Surgiu* é acrescento da tradução.

^c Cf. 6,2 nota.

^d Evocação da vitória pela ressurreição da paixão de Jesus.

^e Cf. Jo 1,1ss; trata-se de Jesus, revelação plena de Deus e executor dos seus julgamentos

^f Esta é uma imagem comum da escatologia judaica (cf. IQM 1-2; 2Mac 10,29-31; Mt 13,39-42.49; 16,27; 24,30s; 25,31).

^g *Prodigiosos* é acrescento da tradução.

^h Is 66,24; 1Hen 18,11-16; 108,3s; 2Esd 7,36-38.

ⁱ Mil anos simboliza o tempo de Deus, humanamente inverificável; trata-se do tempo escatológico, que já teve início mas que ainda não se consumou.

e selou, para que nunca mais seduzisse as nações, até se completarem os mil anos, depois dos quais deve ser solto por um breve tempo.

⁴E vi, então, os tronos em que se sentaram aqueles a quem foi dado o poder de julgar, e também as almas dos que tinham sido decapitados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus. Vi igualmente^k os que não tinham adorado a besta nem a sua imagem, e aqueles que não receberam a marca na frente e na mão. Estes voltaram à vida e reinaram com Cristo durante mil anos^l. ⁵Os restantes mortos não voltaram à vida até se completarem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. ⁶Feliz e santo é aquele que toma parte na primeira ressurreição! Sobre estes a segunda morte^m não tem poder; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com Ele durante mil anos.

⁷Quando se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão⁸ e sairá para seduzir as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gog e Magogⁿ, a fim de os reunir para a guerra; o seu número será como a areia do mar. ⁹Eles subiram à superfície da terra e cercaram o acampamento dos santos^o e a cidade amada, *mas desceu um fogo do céu e devorou-os*^p. ¹⁰O Diabo, que os tinha seduzido, foi precipitado no lago de fogo e de enxofre, onde também estão a besta e o falso Profeta: aí serão atormentados dia e noite, pelos séculos dos séculos.

JULGAMENTO DA MORTE E DO INFERNO (20,11-15)

¹¹Vi, então, um grande trono branco e Aquele que nele estava sentado: da sua presença^q fugiram a terra e o céu, e para eles deixou de haver lugar. ¹²E vi os mortos, grandes e pequenos, de pé diante do trono^r. Os livros foram abertos, e também foi aberto um outro, que era o Livro da Vida; os mortos foram julgados segundo o que estava escrito nos livros, de acordo com as suas obras^s. ¹³O mar devolveu os mortos

^j Na apocalíptica judaica, os anjos maus presos desde o dilúvio assim permanecerão até ao julgamento final, altura em que serão punidos (cf. *1Hen* 10,4-8; 18,11-19,3; 21,1-10).

^k *Vi igualmente* é acrescido da tradução.

^l Esta ressurreição dos mártires representa a renovação da Igreja depois do final da perseguição, que tem a mesma duração do cativeiro do dragão. Os mártires que esperam debaixo do altar (6,9) vivem agora felizes em Cristo. O reino de mil anos é, portanto, a fase terrestre do Reino de Deus, desde a queda das estruturas opressoras até à vinda de Cristo.

^m Cf. 2,11 nota.

ⁿ Gog, rei de Magog (Ez 38s), simboliza aqui as nações pagãs.

^o I.e., os cristãos, santificados pelo batismo.

^p 2Rs 1,10.12.

^q Lit.: *do seu rosto*.

^r Desde Dn 12,2 que se estabiliza a concepção de uma ressurreição dos mortos para *muitos*, sobretudo para os justos (cf. *1Hen* 51,1; At 26,23; 1Cor 15,20; Pseudo-Fílon, *Ant.* 3,10; *2Esd* 7,32; *2Br* 30,2; 42,8; 49-52).

^s Depois de eliminados todos os obstáculos à salvação, permanece inviolável a liberdade humana e, portanto, cada um será julgado segundo as suas obras. Segundo a apocalíptica judaica, alguns anjos registam as obras dos seres humanos e também as de outros anjos, para serem apresentadas no julgamento final (cf. *1Hen* 89,61-64.68-71; 90,20; *2Br* 24,1).

que nele se encontravam, a morte e o abismo^a devolveram os mortos que neles havia, e cada um foi julgado de acordo com as suas obras.¹⁴A morte e o abismo foram lançados no lago de fogo. É esta a segunda morte: o lago de fogo.¹⁵E quem não se encontrava inscrito no Livro da Vida, foi lançado no lago de fogo.

A JERUSALÉM CELESTE (21,1-22,5)

21 O novo céu e a nova terra

¹Vi, então, um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado, e o mar já não existia^b. ²E vi a cidade santa, a nova Jerusalém^c, que descia do céu, de junto de Deus, preparada como uma noiva adornada para o seu esposo. ³E ouvi uma voz forte, que vinha do trono e dizia:

«Eis a tenda de Deus entre os homens! Ele estabelecerá entre eles a sua tenda: eles serão o seu povo, e o próprio Deus estará com eles^d; será o seu Deus. ⁴*Ele enxugará todas as lágrimas dos seus olhos*, e nunca mais haverá morte, nem luto, nem grito; nunca mais haverá dor, porque o mundo de antes desapareceu^e».

⁵Disse, então, Aquele que estava sentado no trono: «Eis que faço novas todas as coisas». E acrescentou: «Escreve, porque estas palavras são dignas de fé e verdadeiras». ⁶E disse-me: «Está realizado! Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. Àquele que tem sede, Eu lhe darei graciosamente de beber da fonte da água da vida^g. ⁷O vencedor receberá esta herança: *Eu serei o seu Deus e ele será meu filho*^h. ⁸Mas os covardes, os não crentes, os execráveis, os assassinos, os promíscuos, os feiticeiros, os idólatras e todos os mentirosos terão a sua parte no lago ardente de fogo e enxofre. É esta a segunda morte».

A nova Jerusalém, esposa do Cordeiro

⁹Veio, então, um dos sete anjos, daqueles que tinham as sete taças cheias com os sete últimos flagelos, e falou comigo, dizendo: «Vem! Vou mostrar-te a noiva, a esposa do Cordeiro». ¹⁰E transportou-me, em espírito, para um alto e grande monte, e mostrou-me a cidade santa, Jerusalémⁱ, que descia do céu, de junto de Deus, ¹¹com

^a Lit.: *Hades*, o mundo subterrâneo da mitologia antiga. O mesmo no v.14.

^b O mar, enquanto residência das forças diabólicas (cf. 4,6 nota), deixou de existir.

^c Cf. Is 54; *2Esd* 9,38-10,59.

^d Evocação do nome divino e da fórmula da aliança; referência ao nome Emanuel (*Deus conosco*; cf. Is 7,14; Mt 1,23).

^e Is 25,8; Ez 11,20.

^f Lit.: *as primeiras coisas partiram*.

^g No AT a água, símbolo de vida, era símbolo da Lei e dos tempos messiânicos; no NT torna-se símbolo do Espírito (cf. Jo 7,38 nota).

^h O oráculo de 2Sm 7,14, aplicado a Salomão, por ser o rei-ungido, é aqui universalizado, pela filiação divina que Deus oferece a todos.

ⁱ A cidade representa a forma como a sociedade se estrutura, em todas as suas dimensões. Por contraposição à cidade da Babilónia, e à sua estrutura pecaminosa e diabólica, surge agora uma nova realidade, onde Deus habita e reina: a Igreja.

a glória de Deus. O seu esplendor era semelhante a uma pedra preciosa, como uma pedra de jaspé cristalino.¹² Tinha uma grande e alta muralha com doze portas. Sobre as portas estavam doze anjos e também nomes gravados: os nomes das doze tribos dos filhos de Israel.¹³ Havia três portas a oriente, três portas a norte, três portas a sul, e três portas a ocidente.¹⁴ A muralha da cidade tinha doze alicerces e, sobre eles, os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.

¹⁵ Aquele que falava comigo tinha uma medida, uma cana de ouro, para medir a cidade, as suas portas e a sua muralha.¹⁶ A cidade estava disposta em quadrado: o seu comprimento era como a largura. O anjo^k mediu a cidade com a cana: doze mil estádios; o seu comprimento, largura e altura eram iguais.¹⁷ E mediu a muralha: cento e quarenta e quatro cúbitos^m – o anjo usava uma medida humana.¹⁸ A estrutura da muralha era de jaspé, e a cidade de ouro puro, semelhante ao vidro puro.

¹⁹ Os alicerces da muralha da cidade estavam adornados com toda a espécie de pedras preciosas: o primeiro alicerce era de jaspé, o segundo de safira, o terceiro de calcidónia, o quarto de esmeralda,²⁰ o quinto de sardónica, o sexto de sárdio, o sétimo de crisólito, o oitavo de berilo, o nono de topázio, o décimo de crisópraso, o décimo primeiro de jacinto, o décimo segundo de ametista.

²¹ As doze portas eram doze pérolas; cada uma das portas era feita de uma só pérola. E a praça da cidade era de ouro puro, transparente como o vidro.

²² Não vi nela qualquer templo, pois o Senhor Deus omnipotente e o Cordeiro são o seu templo.²³ A cidade não precisa do sol nem da lua para a iluminar, pois a glória de Deus a ilumina, e a sua lâmpada é o Cordeiro.²⁴ As nações caminharão à sua luz, e os reis da terra hão de trazer-lhe a sua glória.²⁵ As suas portas jamais se fecharão durante o dia – pois nela já não haverá noite –²⁶ e hão de trazer-lhe a glória e a honra das nações.²⁷ Nela jamais entrará algo impuro, nem quem pratique a abominação e a mentira, mas apenas aqueles que estão inscritos no Livro da Vida do Cordeiro.

22¹ Mostrou-me, então, um rio de água viva, límpido como cristal, que saía do trono de Deus e do Cordeiro.² *No meio* da praça da cidade^o, *de um lado e do outro do rio*, está a árvore da vida, que produz frutos por doze vezes, pois dá o seu fruto todos os meses, e as folhas da árvore servem *para curar* as nações^p.³ Nunca

^j As portas abertas para todos os pontos cardeais significam a total abertura (simbolizada pelo número três) a todos os povos.

^k O anjo é acrescento de tradução.

^l Doze mil estádios (c. 2000 km) é um número simbólico, formado a partir dos 12 apóstolos (a Igreja) e 1000 (símbolo da transcendência). O facto de a cidade ser apresentada como um cubo significa a sua total perfeição.

^m C. de 100 metros.

ⁿ Lit.: *uma medida de homem, que é a do anjo*.

^o Lit.: *no meio da sua praça*.

^p Lit.: *as folhas da árvore [são] para cura das nações*. A referência ao rio remete para o paraíso do Éden (cf. Gn 2,10) e para a visão de Ezequiel sobre a água que sai do templo e vivifica tudo por onde passa (Ez 47,1-12). Para a *árvore da vida*, cf. 2, 7 nota.

mais haverá qualquer maldição. Na cidade^a estará o trono de Deus e do Cordeiro, e os seus servos lhe prestarão culto; ⁴ verão a sua face, e o seu nome estará nas suas fronte. ⁵Nunca mais haverá noite, nem precisarão da luz da lâmpada ou da luz do sol, porque o Senhor Deus os iluminará, e reinarão pelos séculos dos séculos.

EPÍLOGO (22,6-21)

⁶E disse-me ainda: «Estas palavras são dignas de fé e verdadeiras. Foi o Senhor, o Deus que inspira os profetas^b, que enviou o seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que é necessário que em breve aconteçam. ⁷Eis que virei em breve. Feliz aquele que guarda as palavras da profecia deste livro».

⁸E eu, João, sou aquele que ouviu e viu estas coisas. Quando as ouvi e vi, prostrei-me aos pés do anjo que me mostrava estas coisas, para o adorar. ⁹Mas ele disse-me: «Não faças isso! Sou um servo^c como tu e os teus irmãos, os profetas, e como aqueles que guardam as palavras deste livro. É a Deus que deves adorar^d!». ¹⁰E disse-me: «Não guardes sob sigilo as palavras da profecia deste livro, pois o tempo está próximo. ¹¹Que o injusto continue a cometer a injustiça, que o sujo se continue a sujar, que o justo continue a praticar a justiça, e que o santo continue a ser santificado.

¹²Eis que virei em breve e trarei comigo a recompensa^e, para retribuir a cada um conforme as suas obras. ¹³Eu sou o Alfa e o Ómega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim. ¹⁴Felizes os que lavam as suas vestes, para que possam tomar parte na árvore da vida^f e entrar pelas portas na cidade. ¹⁵De fora ficarão os cães, os feiticeiros, os promíscuos, os homicidas, os idólatras e todo aquele que é amigo da mentira e a pratica.

¹⁶Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos dar testemunho destas coisas que dizem respeito às Igrejas: Eu sou o rebento e a descendência de David, a estrela brilhante da manhã».

¹⁷O Espírito e a esposa dizem: «Vem!». E quem escuta, diga: «Vem!». Quem tem sede, venha; e quem quiser receba graciosamente a água da vida.

¹⁸«Eu dou testemunho a todo aquele que escuta as palavras da profecia deste livro: se alguém lhe acrescentar alguma coisa, também Deus lhe acrescentará os flagelos que estão escritos neste livro. ¹⁹E se alguém retirar alguma coisa das palavras do livro desta profecia, também Deus lhe há de retirar a parte que tem na árvore da vida e na cidade santa, descritas neste livro.

^a Lit.: *nela*.

^b Lit.: *o Deus dos espíritos dos profetas*.

^c Lit. *conservo*, i.e., servo companheiro.

^d Lit.: *a Deus adora*.

^e Lit.: *a minha recompensa*.

^f Lit.: *para que o poder deles esteja sobre a árvore da vida*, no sentido de o receber pela participação na árvore da vida.

²⁰E Aquele que dá testemunho destas coisas diz: «Sim. Virei em breve». Amen! Vem, Senhor Jesus!^g

²¹A graça do Senhor Jesus esteja com todos^h.

^g *Vem, Senhor Jesus* (*marána thá: vem, Senhor*, em aramaico) é uma súplica que os cristãos repetiam durante as reuniões litúrgicas (cf. 1Cor 16, 22 nota).

^h A saudação final remete para o estilo epistolar, assim como os vv.4s. Alguns mss. acrescentam *amen*.

PARALELOS

- 1,1**: 14,13; 16,15; 19,9; 20,6; 22,7.10.14; Dn 2,28-30.45; Am 3,7. **1,3**: 14,13; 16,15; 19,9; 20,6; 22,7.10.14. **1,4**: 3,14; 1Cor 16,19; Ex 3,14; Is 11,2s. **1,5**: Is 40,2; 55,4; Jr 42,5; Sl 89,28.38; 130,8. **1,6**: 5,10; Ex 19,6; 23,22; Is 61,8.
- 1,7**: Gn 12,3; 28,14; Dn 7,13; Zc 12,10-12; Jo 19,37. **1,8**: Am 3,13. **1,9**: Dn 8,1. **1,10**: At 20,7; 1Cor 16,2; Ez 3,12.
- 1,11**: 2,1-3,22; 1Cor 16,19; Is 30,8. **1,12**: 1,20; Ex 25,31.37; Zc 4,2. **1,13**: Dn 7,13; 10,5.6; Ez 1,26; 9,2.11; Mt 8,20; Mc 8,31; Lc 6,5. **1,14**: Dn 7,9. **1,15**: Ez 1,24; 43,2. **1,16**: 2,1; Jz 5,31; Is 49,2.
- 1,17**: 1,8; 2,8; 22,13; Is 44,2.6; 48,12; Ez 1,28; Dn 8,18. **1,18**: Heb 7,25; Dt 32,40; Sir 18,1; Jb 38,17; Os 13,14. **1,19**: Is 48,6; Dn 2,28-29.
- 2,1**: 1,16; Am 1,6. **2,2**: 2Co 11,13. **2,4**: 1Tm 5,12. **2,7**: 2,11.17.29; 3,6.13.22; Mt 11,15; Gn 2,9; 3,3.22.24; Ez 31,8.
- 2,8**: 1,7.17-18; Is 44,6. **2,9**: 3,9. **2,10**: 2Mac 13,14; Dn 1,12.14; Zc 6,1; 1Cor 8-10; 2Pd 2,15; Nm 22,2; 25,1ss. **2,11**: 20,14; 21,8.
- 2,14**: Nm 25,1-3. **2,17**: 3,11ss; 9,12; Is 62,2; 56,5; 65,15.
- 2,18**: 1,15-16; Dn 10,6. **2,20**: 1Rs 16,31; 2Rs 9,22. **2,23**: Sl 7,10; 62,13; Pr 24,12; Jr 11,20; 17,10; Ez 33,27. **2,26-27**: Sl 2,8-9. **2,28**: 22,16; 2Pd 1,19; Is 14,12.
- 3,2**: Ex 32,33-34; Sl 69,29; Ez 34,4-5; Dn 12,1; 13,16. **3,5**: 13,8; 17,8; 20,12.15; 21,27; Ex 32,32ss; Sl 69,29; Dn 12,1.
- 3,7**: Jb 12,14; Is 22,22. **3,9**: 2,9; Sl 86,9; Is 43,4; 60,14. **3,11**: Zc 2,14. **3,12**: 19,12; 21,2ss; 22,4; Is 62,2; Ez 48,35.
- 4,1**: Ex 19,24; Sl 78,23; Dn 2,29.45; 3Br 2,2; 3Mac 6,18. **4,2**: Sl 11,4; 103,19. **4,3**: Ez 1,27.28; Is 6,1. **4,4**: Is 24,23; Zc 6,11. **4,5**: Ex 19,16; Ez 1,13; Zc 4,2. **4,6**: Ez 1,5.18.22; 10,12; 22. **4,7**: Ez 1,10; 10,14. **4,8**: Ez 1,18; 10,12; Am 3,13.
- 3,14**: Pr 8,22; Is 65,16; Jo 1,1ss. **3,17**: Os 12,9; Zc 11,5. **3,18**: Is 55,1. **3,19**: Pr 3,12. **3,20**: Sl 11,4.
- 4,9**: Dn 4,31; 6,27; 12,7. **4,11**: 1Cr 29,11; Sir 19,1; Sb 1,14.
- 5,1**: Is 6,1; 29,11; Jr 32,10.11; Ez 2,9; Dn 12,4.9. **5,3**: Ex 20,4; Dt 5,8. **5,5**: Gn 49,9.10; Is 11,1.10. **5,6**: Is 53,7; Jr 11,19; Zc 4,10; Dn 8,20s; 1Hen 89,42; 90,9. **5,7**: 1Rs 22,19; 2Cr 18,18; Sl 47,9; Sir 1,8; Is 6,1. **5,8**: Sl 141,2. **5,9**: Sl 33,3; 144,9; Is 53,7. **5,10**: 1,10; Ex 19,6; Is 61,1.
- 5,11**: 1Rs 22,19; Dn 7,10. **5,12**: 1Cr 29,11.12; Is 53,7. **5,13**: Is 6,1.
- 6,2**: Zc 1,8; 6,3.6. **6,4**: Zc 1,8. **6,5**: Zc 6,2.6. **6,6**: 2Rs 7,1. **6,8**: Jr 14,12; 15,2.3; 21,7; Ez 5,12.17; 14,21; 29,5; 33,27; Os 13,14. **6,10**: Dt 32,43; 2Rs 9,7; Sl 79,5; Zc 1,12.
- 6,12ss**: Is 13,10; Ez 32,7.8; Jl 2,10; 3,3.4; 4,15. **6,13**: Is 34,4. **6,14**: Ez 26,15. **6,15-16**: Is 2,10.19.21; 24,21; 34,12; Jr 4,29. **6,17**: Jr 3,4; Jl 2,11; Na 1,6; Sf 1,14.15; MI 3,2.
- 7,1**: Jr 49,36; Ez 7,2; 37,9; Zc 6,8. **7,2**: Is 41,25. **7,3**: Ez 9,4.6. **7,4**: Is 49,6. **7,5-8**: Gn 35,22-26. **7,6**: Gn 48,1; Os 5,3ss.
- 7,9**: Lv 23,40.43; 2Mac 2,7. **7,11**: Sl 97,7. **7,14**: Gn 49,11; Ex 19,10.14; Ez 37,3; Dn 12,1. **7,15**: Is 6,1. **7,16**: Is 49,10. **7,17**: Sl 23,1-3; Jr 2,13; 31,16; Ez 34,23.
- 8,1**: Sb 18,4; Zc 2,17; Hab 2,20; Sf 1,7. **8,2**: Js 6,4.6; Tb 12,15. **8,3**: Ex 30,1-3.7; Sl 141,2; Tb 12,12; Am 9,1. **8,5**: Lv 16,12; Ez 10,2; 19,16; Is 29,6. **8,7**: Ex 9,23-25; Sir 39,29; Sb 16,22; Ez 5,2.12; 38,22; Jl 3,3; Zc 13,9. **8,8**: Ex 7,20ss; Jr 51,25. **8,10**: Is 14,12; Dn 8,10. **8,11**: Ex 15,23; Jr 9,14; 23,15. **8,12**: Ex 10,21; Am 8,9; Jl 3,15; Is 30,26. **8,13**: Is 24,17; 26,21; Os 4,1.
- 9,1**: 12,4; Mt 24,29; Mc 13,25. **9,2**: Gn 19,28; Ex 19,18; Jl 2,10. **9,3**: Ex 10,12; Sb 16,9; Ez 9,4.6. **9,4**: Ex 10,15; Ez 9,4. **9,6**: Jb 3,21; Jr 8,3. **9,7**: Jb 39,19-20; Jl 2,4-5. **9,8**: Jl 1,6. **9,9**: Jl 2,5. **9,11**: Sl 88,12; Jb 26,6; 28,22; Pr 15,11.

- 9,13:** Ex 27,2; 30,1-3; 40,5. **9,14:** Gn 15,18; Dt 1,7; Js 1,4. **9,20:** Dt 32,17; Sl 96,5; 115,4-7; 135,15-17; Is 2,8.10; 17,8; Dn 5,4.23; Mq 5,12. **9,21:** Ex 20,13-15; 2Rs 9,22; Na 3,4.
- 10,3:** Am 3,8. **10,4:** Dn 12,4,9.
- 10,9:** Jr 33,9; Ez 2,8; 3,1-3; Sl 119,103. **10,11:** Jr 1,10; 25,30; Ez 25,2; Dn 3,4.
- 11,1:** Ez 40,3. **11,2:** Sl 79,1; Is 63,18; Zc 12,3. **11,3:** 2Rs 19,2; Is 37,2. **11,4:** Zc 4,3.10-14. **11,5:** 2Sm 22,9; 2Rs 1,10; Sl 97,3; Jr 5,14; Sir 48,3. **11,6:** Ex 7,17; 1Sm 4,8; 1Rs 17,1.19-20. **11,7:** Dn 7,3.7.21. **11,8:** Is 1,9s; Jr 22,8.10; Ez 11,6; 16,46.49; Jl 4,19. **11,9:** Sl 79,2s. **11,10:** Sl 105,38. **11,11:** Gn 15,12; Ex 15,16; Sl 105,38; Ez 37,5.10. **11,12:** 2Rs 2,11; Esd 1,2; Ez 38,19s; Dn 2,20; Jn 1,9.
- 11,15:** Sl 2,2; 10,16; 22,29; Dn 2,44; 7,14.27; Abd 21. **11,17:** 2Sm 7,8; Am 3,13; 4,13. **11,18:** Ex 15,14; Sl 2,1.5; 46,7; 61,6; 99,1; 115,13; Jr 51,25; Mq 6,9. **11,19:** Ex 9,24; 1Rs 8,1.6; 2Mac 2,4-8; Is 29,6.
- 12,1:** Gn 37,9; Sl 104,2; Is 7,14. **12,2:** Is 26,17; 66,7; Mq 4,10. **12,3:** Is 14,29; 27,1; 51,9; Ez 29,3; Dn 7,7.24; Sl 74,13; 89,11; Jb 9,13; 26,12. **12,4:** Dn 8,10; Mq 5,2. **12,5:** Sl 2,9; Is 7,14; 66,7. **12,6:** 1Rs 17,1-7; Os 2,16. **12,7:** Dn 10,13.21; 12,1. **12,8:** Dn 2,35. **12,9:** Gn 3,1.14s; Jb 2,1ss; Zc 3,1s.
- 12,10:** Jb 1,9ss; 2,Ass; Zc 3,1. **12,12:** Dt 32,43; Sl 96,11; Is 44,23; 49,13. **12,14:** Ex 19,4; Is 40,31; Ez 17,3.7; Dn 7,25; 12,7. **12,16:** Nm 16,30.32; Dt 11,6. **12,17:** Gn 3,15.
- 13,1:** Dn 7,7.24. **13,2:** Dn 7,Ass; Os 13,7. **13,4:** Ex 15,11; Sl 89,7. **13,5:** Dn 7,8.11.20. **13,6:** Dn 7,25; 11,36; Jo 1,14. **13,7:** Dn 7,21. **13,8:** Dn 12,1. **13,10:** Jr 15,2; 43,11.
- 13,11:** Dn 8,3. **13,14:** Mc 13,22; Mt 24,24; 2Ts 2,9. **13,15:** Dn 3,5ss.
- 14,1:** Is 4,5; Ez 9,4; Jl 3,5. **14,2:** Ez 1,24; 43,2. **14,3:** Sl 33,3; 40,4; 96,1; 98,1; 144,9; 149,1; Is 42,10. **14,5:** Sl 32,2; Is 53,9; Sf 3,13.
- 14,7:** Ex 20,11; Jr 13,16. **14,8:** Is 21,9; Jr 51,7s; Dn 4,27. **14,10:** Gn 19,24; Sl 11,6; 75,9; Is 51,17.22; Jr 25,15; Ez 38,22. **14,11:** Is 34,10.
- 14,14:** 2Sm 12,30; 1Cr 20,2; Dn 7,13. **14,15:** Jr 51,33; Jl 4,13. 14,16: Zc 5,2ss (LXX). **14,18:** Jr 25,30; Jl 4,13; *Jub* 2,2; *1Hen* 60,11-21. **14,19:** Is 63,2ss; Lm 1,15; Jl 4,13; Is 63,3. **14,20:** Jl 4,13; Is 63,3.
- 15,1:** Lv 26,21. **15,3:** Ex 15,1; 34,10; Nm 12,7; Dt 32,4; 34,5; Js 1,2,7; 14,7; Sl 111,2; 139,14; 145,17; Jr 10,6s; Am 3,13; 4,13. **15,4:** Sl 9,26; 98,2; 99,3; 145,1; Is 2,2; Jr 11,20; 16,19; MI 1,11. **15,5:** Ex 40,34. **15,6:** Lv 26,21; Ez 9,2.11; Dn 10,5ss. **15,8:** Ex 40,34s; Lv 26,21; 1Rs 8,10s; 2Cr 5,13s; Is 6,1.4.
- 16,1:** Is 66,6; Sf 3,8. **16,2:** Ex 9,9ss; Dt 28,35. **16,3:** Ex 7,17ss. **16,4:** Ex 7,19. **16,5:** Ex 3,14; Sl 119,137.
- 16,6:** Sl 79,3; Is 49,26. **16,7:** Sl 19,10. **16,10:** Ex 10,21ss. **16,12:** Gn 15,18; Dt 1,7; Is 41,2.25; Jr 50,38. **16,14:** Ex 8,3. **16,15:** 1,3; Mt 24,37-44; Lc 12,35-40.
- 16,17:** Is 66,6. **16,18:** Ex 19,16; Dn 12,1. **16,19:** Is 51,17.22; Jr 25,15; Dn 4,27. **16,21:** Ex 9,22-26.
- 17,1:** Jr 51,13. **17,2:** Is 23,17; Jr 25,15; 51,7; Na 3,4. **17,3:** Is 21,1; Dn 7,7. **17,4:** Jr 51,7; Ez 28,13. **17,5:** Dn 4,27; Mc 4,11; Rm 11,25; 16,25; 1Cor 2,7. **17,6:** Is 34,6.
- 17,1:** 5,5; Zc 1,9; Dn 7,16; 2Esd 10,28-59. **17,5:** Ez 16; Jr 15,9; Is 1,21; 66,6s. **17,8:** 3,5; Ex 32,22ss; Sl 69,29; Dn 7,3; 12,1. **17,9:** 13,18. **17,12:** Dn 7,20.24. **17,14:** Dt 10,17; 2Mac 13,4; Sl 136,3; Dn 2,47; 1Tm 6,15. **17,15:** Jr 51,13. **17,16:** Sl 27,2; Jr 34,22; Ez 16,19; 23,29; 26,19; Os 2,5; Mq 3,3. **17,18:** Sl 22,2; 89,28; Is 24,21.

- 18,1:** Ez 43,2. **18,2:** 14,8; Is 2,19; 13,21s; 34,11.14; Jr 9,10; 50,39; Br 4,35. **18,3:** Is 23,8.17; Jr 25,15; 51,7; Ez 27,12.18.33. **18,4:** Is 48,20; 52,11; Jr 50,8; 51,6.45. 2Cor 6,17. **18,5:** Gn 18,20; Jr 51,9. **18,6:** Sl 137,8; Is 40,2; Jr 16,18; 50,15.29; Mt 7,1s; 18,23-35. **18,7:** Is 47,8. **18,8:** Is 47,9.14; Jr 50,31.34.
- 18,9:** Is 23,17; Ez 26,16-17; 27,30-32. **18,10:** Ez 26,17; Dn 4,27. **18,11:** Ez 27,31.36. **18,12:** Ex 12,12-22. **18,13:** Gn 36,6; Ez 27,13. **18,15:** Ez 27,31.36. **18,17:** Ez 27,27-34. **18,18:** Is 34,10; Jr 22,8; Ez 27,32. **18,18:** Is 34,10; Jr 22,8; Ez 27,32. **18,19:** Ez 26,19; 27,30-34. **18,20:** Dt 32,43; Is 44,24; Jr 18,20.
- 18,21:** Jr 51,63s; Ez 26,12.21; Dn 4,27. **18,22:** Is 24,8; Jr 25,10; Ez 26,13. **18,23:** Is 23,8; 34,12; 47,9; Jr 7,34; 16,9; Na 3,4. **18,24:** Jr 51,49; Ez 24,7; 36,18.
- 19,1:** Sl 104,35; Tb 13,18; Dn 10,6. **19,2:** Dt 32,43; 2Rs 9,7; Sl 19,10; 79,10; Jr 51,25. **19,3:** Sl 104,35; Is 34,10. **19,4:** Sl 106,48; Is 6,1. **19,5:** Sl 22,24; 115,13; 134,1; 135,1.20.
- 19,6:** 1Cr 16,31; Sl 93,1; 97,1; 99,1; 104,35; Dn 7,14; Ez 1,24; Zc 14,9. **19,7:** 1Cr 16,28; Sl 118,24. **19,8:** Sl 45,14ss; Is 61,10. **19,9:** 1,3. **19,10:** 22,9; 1Jo 5,6ss.
- 19,11:** 2Mac 3,25; Sl 9,9; 72,2; 88,9; 96,13; Is 11,4-5; Ez 1,1; 11,8. **19,12:** Is 62,2; Dn 10,6. **19,13:** Is 63,1-3. **19,15:** Sl 2,9; Is 11,4; 49,2, 63,2s. **19,16:** Dt 10,17; 2Mac 13,4; Dn 2,47. **19,17:** Ez 39,4.17-20. **19,19:** Sl 2,2. **19,20:** Nm 16,33; Sl 55,16; Is 30,33; Dn 7,11; Jb 40,25s. **19,21:** Is 11,4; Ez 39,17.20.
- 20,2:** Gn 3,1; Jb 1,6; Zc 3,1. **20,3:** Is 24,21-22. **20,4:** Ez 37,10; Dn 7,9.22.27; 1Cor 6,2. **20,6:** 1,3; Is 61,6. **20,8:** Js 11,4; Jz 7,12; 1Sm 13,3; Ez 7,2. **20,9:** 2Rs 1,10.12; 6,14; Sl 78,68; 87,2; Jr 11,15; 12,7; Ez 38,22; 39,6; Hab 1,6. **20,10:** Ez 38,22.
- 20,11:** 1Rs 10,18; Sl 114,3,7; Is 6,1; Dn 2,35; 7,9. **20,12:** Sl 28,4; 69,29; Sir 16,12; Is 4,3; Dn 7,10; 12,1. **20,13:** Sl 28,4; Os 13,14. **20,14:** Is 25,8; Os 13,14; 1Cor 15,26. **20,15:** Ex 32,32ss; Is 30,33; Dn 12,1.
- 21,1:** Is 65,17; 66,22. **21,2:** Ne 11,1.18; Is 52,1; 61,10; Gl 4,26; Heb 12,22. **21,3:** Lv 26,12; 1Rs 8,27; 2Cr 6,18; Sl 95,7; Is 8,8; Jr 31,1; Ez 37,27; Zc 2,14. **21,4:** Is 25,8; 35,10; 43,18; 51,11; 65,17.19; Jr 31,16; 1Cor 15,26. **21,5:** Sl 69,29; Is 6,1; 43,19. 2Cor 5,17. **21,6:** Is 55,1; Jr 2,13; Zc 14,8. **21,7:** Lv 26,12; Ez 11,20; Zc 8,8. **21,8:** 22,15; Mt 15,19; Ez 38,22.
- 21,10:** Is 52,1; Ez 40,1-10. **21,11:** Is 58,8; 60,1.2.19; Ez 43,2-4. **21,12:** Ex 28,21; 39,14; Is 62,6; Ez 48,30-35; 40,5. **21,13:** Ez 48,31-35.
- 22,1:** Gn 2,10; Sl 46,5; Ez 47,1; Zc 14,8. **22,2:** Gn 2,9; Jr 3,17; Ez 47,12; Jl 1,14. **22,3:** Zc 14,11. **22,4:** Sl 17,15; 42,3. **22,5:** Is 60,19; Dn 7,18.27.
- 21,24:** Sl 68,30; 72,10; Is 60,3,5. **21,25:** Is 60,11; Zc 14,7. **21,26:** Sl 72,10s. **21,27:** 3,5; Sl 69,29; Is 4,3; 35,8; 52,1; Dn 12,1; Zc 14,20-21; Ez 44,23.
- 22,6:** Nm 27,16; Dn 2,28.45. **22,7:** 1,3; 22,12.20; Is 40,10. **22,11:** Is 56,1; Ez 3,27; Dn 12,10. **22,12:** Sl 28,4; Is 40,10; Jr 17,10. **22,13:** 1,17. **22,14:** Sl 118,19s. **22,16:** Nm 24,17; MI 3,1. **22,17:** Is 55,1. **22,18ss:** Dt 4,2; 13,1; 29,19. **22,20:** 1,3; 3,11; 22,7.12.